

SERGIO ALEIXO

O Primado de Kardec

Metodologia espírita
e cisma rustenista



ADE-RJ

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O que me levou a escrever este livro foi apenas o desejo de compartilhar a busca de uma melhor compreensão para um capítulo praticamente desconhecido da História do Espiritismo, o que conduz fatalmente ao problema crucial da metodologia para constituição do conhecimento verdadeiramente espírita.

Da propaganda centenária da F.E.B. transparece que Roustaing fora sempre amigo de Kardec e distinto adepto da Doutrina Espírita. Mas a verdade é que se tornou um contraditor em franca campanha de subversão da ordem doutrinária.

As páginas que foram omitidas no prefácio das edições mais recentes de Os Quatro Evangelhos têm importância para os espiritistas atuais, em função de constituir o manifesto da primeira facção declaradamente cismática do movimento espírita.

Além disto, a parte de prefácio amputada pela editora é muito sintomática por ser uma espécie de matriz simbólica do que seria, mais tarde, no todo ou em parte, o ideário de quase todas as correntes deturpadoras do pensamento kardeciano. (Sergio Aleixo. Introdução.)

SUMÁRIO

Frontispício

Prefácio

Introdução

Parte I

Da Crítica às Razões do Cisma Rustenista

1. O futuro é tudo
2. A postura de Kardec
3. A prova do cisma rustenista
4. As advertências de Kardec a Roustaing e a profecia de Erasto
5. Os critérios kardecianos
6. A Liga do Ensino
7. O rustenismo e a infalibilidade bíblica
8. Jesus não era um agêneré
9. Tradutor, traidor
10. O dogma da encarnação pelo espírito
11. O Kardec arrependido da F.E.B.
12. O Kardec verdadeiro de Cairbar Schutel

Parte II

Das Controvérsias e Contradições de Os Quatro Evangelhos

13. O rustenismo nas obras de Chico Xavier
14. Estranhezas do ensino rustenista
15. Um documento normativo febiano
16. Uma grave constatação
17. Não nos devemos calar
18. O rustenismo e o espiritismo laico
19. O espiritismo esotérico
20. Voltemos a Kardec!

Parte III

Texto escaneado de *Os Quatro Evangelhos* (F.E.B., 1920) contendo no prefácio várias páginas da memória póstuma de Roustaing (Paris, 1883), absolutamente ofensiva ao Codificador do Espiritismo.

PREFÁCIO

Allan Kardec, o insigne Codificador do Espiritismo, inspirado nos ditados dos espíritos superiores, por diversas vezes chamou-nos a atenção para o perigo de aceitarmos sem exame o que nos chega do mundo espiritual. Ressaltou, sempre que o pôde, a importância do estudo e do aprofundamento das questões, em nossa incessante busca pela verdade, para que não nos deixássemos levar por concepções fantasiosas e exóticas, sempre oriundas da ignorância acerca das leis naturais que nos regem a todos.

Confirmando este esforço conjunto dos espíritos verdadeiramente comprometidos com o bem e a justiça, o Espírito Erasto, presente à reunião geral dos espíritas de Bordéus — cidade em que o advogado J.-B. Roustaing estava prestes a desenvolver suas estranhas teses —, advertiu acerca da luta que teriam aqueles adeptos do Espiritismo contra uma turba de espíritos inferiores, razão pela qual afirmou ser-lhe obrigação premuni-los contra o perigo.

Da mesma forma, Sergio Aleixo nos brinda com a presente obra, cumprindo com o seu dever de espiritista, preocupado que é, e como todos o devemos ser, com os rumos do movimento espírita no Brasil e no mundo. Deixou corajosamente de lado a postura inerte que predomina em nosso meio, que, a pretexto de caridade, fecha os olhos para os desvios, adulterações e tentativas de ridicularização do Espiritismo.

Munido de dados históricos hauridos em fontes fidedignas, como bom discípulo de J. Herculano Pires, Sergio Aleixo utiliza seu grande poder de observação e análise para mostrar que as teses rustenistas (roustainguistas) aportaram no Brasil, depois de ignoradas na França à época de Kardec, como um autêntico “Cavalo de Troia”, que tem por objetivo provocar a cizânia, o cisma em nossas fileiras, justamente como Erasto, em Bordéus, previra que aconteceria, pela ação de “ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de espíritos enganadores, imperfeitos e maus”.

Nada mais exato, já que, para melhor ludibriarem, os espíritos que se comunicaram com Roustaing, através de uma só

médium, Émilie Collignon, valeram-se, em seus ditados, de nomes venerados: os apóstolos de Jesus, Moisés, etc.

Porém, como os prezados leitores poderão observar, foram e ainda são muitos os artifícios utilizados na tentativa de impor aos espíritas toda uma série de conceitos, ideias e teorias que, além de antidoutrinárias, são absurdas e ilógicas, e que, por diversas vezes, se chocam com a razão e o bom-senso.

Este trabalho de Sergio Aleixo é, portanto, de fundamental importância, como mais um alerta que nos chega, para que possamos separar o joio do trigo em matéria de Espiritismo, ajudando-nos, ao demais, a entender como tudo se passou (e passa) e os meios empregados pelos espíritos mistificadores e falsos sábios na tentativa inglória de provocar a derrocada do Espiritismo com enxertias que se vão espalhando pouco a pouco, tal qual erva daninha num jardim de flores.

Aproveitemos todos esta oportunidade de estudo e reflexão, de modo que possamos colaborar para a unidade doutrinária a partir do melhor entendimento do Espiritismo em suas bases sólidas, que se assentam na codificação kardeciana. É seguindo este imperativo que o confrade Sergio Aleixo nos presenteia, mais uma vez, com estudos diligentes e questionadores, que merecem, por parte de todos os espíritas sérios, muita atenção e respeito, a fim de que não nos tornemos pedra de tropeço àquilo que nos é mais caro: o Espiritismo.

Artur Felipe de A. Ferreira*

INTRODUÇÃO

Este livro remete ao primado metodológico de Allan Kardec [1804-1869] na fundação e constituição da Doutrina Espírita. Fiz aqui análises críticas motivadas pelo contido nas páginas 43 a 76 do prefácio de muito antigo exemplar do tomo primeiro da obra *Espiritismo Christão ou Revelação da Revelação — Os Quatro Evangelhos*, do advogado Jean-Baptiste Roustaing [1805?-1879], da cidade francesa de Bordéus. Foi o tomo impresso em Portugal (Porto, 1920) sob a responsabilidade da Federação Espírita Brasileira — F.E.B., com tradução de Guillon Ribeiro.

Esta parte do prefácio tem o seguinte título, que transcrevo no português de suas mofadas páginas: “Do caracter e da importancia da Revelação da Revelação como abridôra da phase theologica — Sua oportunidade manifesta e incontestavel — Resposta ao artigo de Allan Kardec (Revista, de junho de 1867)”.^[1]

Tais laudas, porém, foram suprimidas das edições mais recentes de *Os Quatro Evangelhos*. Talvez a editora haja percebido ser um erro continuar a publicá-las; afinal, Roustaing abdica, ali, das possíveis virtudes que Kardec lhe havia atribuído na *Revista Espírita* de junho de 1861; trata-se da prova documental de que Roustaing e seus discípulos se tornaram encarniçados contraditores do Codificador do Espiritismo e dos espíritas. Mesmo assim, o estatuto da F.E.B. ainda registra:

Art. 1.º A Federação Espírita Brasileira [...] tem por objeto e fins: I — O estudo, a prática e a difusão do Espiritismo em todos os seus aspectos, com base nas obras da Codificação de Allan Kardec e no Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo; [...] Parágrafo único — Além das obras básicas a que se refere o inciso I, o estudo e a difusão do Espiritismo compreenderão, também, a obra de J.-B. Roustaing e outras subsidiárias e complementares da Doutrina Espírita.

Originalmente, as páginas omitidas eram de um livro chamado *Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing — Resposta a seus Críticos e a seus Adversários*, de 1883, publicado pelos discípulos deste advogado a título de “memória de além-túmulo” e vendido, à época, pelo livreiro Feret, Passagem da Intendência, 15, Bordéus, e na Livraria das Ciências Psicológicas, 5, Rua des Petits-Champs, Paris.

Não acalento nenhuma pretensão ao ineditismo, pois o material de que também trata este meu trabalho constitui objeto de muitos comentários no passado, foi publicado em jornais espíritas, alguns de grande circulação, e está ainda, ao que me parece, disponível em outros sítios da rede mundial de computadores, que não o sítio desta obra.[2]

O que me levou a escrever este livro foi apenas o desejo de compartilhar a busca de uma melhor compreensão para um capítulo praticamente desconhecido da História do Espiritismo, o que conduz fatalmente ao problema crucial da metodologia para constituição do conhecimento verdadeiramente espírita.

Da propaganda centenária da F.E.B. transparece que Roustaing fora sempre amigo de Kardec e distinto adepto da Doutrina Espírita. Mas a verdade é que se tornou um contraditor em franca campanha de subversão da ordem doutrinária.

As páginas que foram omitidas no prefácio das edições mais recentes de *Os Quatro Evangelhos* têm importância para os espíritas atuais, em função de constituir o manifesto da primeira facção declaradamente cismática do movimento espírita.

Além disto, a parte de prefácio amputada pela editora é muito sintomática por ser uma espécie de matriz simbólica do que seria, mais tarde, no todo ou em parte, o ideário de quase todas as correntes deturpadoras do pensamento kardeciano.

O flagrante é inequívoco: 1.º pretensão de, por mil nadas, julgar-se à frente de Kardec e mesmo de substituí-lo; 2.º constante invocação de pluralismo inconsequente, de alteridade irresponsável, que levaria à diluição do Espiritismo nos horizontes embriagados do ecletismo; 3.º messianismo delirante, anunciador da volta próxima do Cristo, cultor da infalibilidade bíblica e da autoridade do Papa; 4.º “a moral” como “apenas um passaporte” dos espíritos obsessores, para que possam “dominar e impor as suas ideias, por mais absurdas que sejam”. [3] Toda a razão ao nosso J. Herculano Pires: “Roustaing é o antikardec. Se Kardec é o bom-senso, Roustaing é a falta de senso. [...] há uma intenção

evidente: a de lançar o ridículo sobre o Espiritismo. [...] *Os Quatro Evangelhos é o Cavalo de Troia do Espiritismo*".[4]

De fato, sem um conhecimento desvelado de sua verdadeira História, pouco se poderá realizar em efetivo benefício da vulgarização e do desenvolvimento da Doutrina Espírita. Constitui dever moral de todos os seus adeptos sinceros e devotados identificar os efeitos da influência sorradeira dos ensinamentos rustenistas, já que potencializaram quase todas as mistificações que vieram a grassar sobre o nosso movimento, sob o patrocínio, infelizmente, de sucessivas diretorias e conselhos da centenária Federação Espírita Brasileira, que propagaram tais ensinamentos mediante um poderoso parque editorial e uma considerável infraestrutura institucional. Aliás, a confissão do credo rustenista, ao que parece, teria chegado a ser exigência estatutária outrora imposta a diretores e conselheiros da F.E.B., conforme antiga observação de Júlio Abreu Filho.

[...] foi por um abuso de confiança, tomando procurações dos kardecistas votantes, que se deveriam reunir em assembleia, na qual seria eleita a direção da F.E.B., que, num golpe baixo, os roustanguistas assaltaram o poder; feito isto, reformaram os seus estatutos, introduzindo um dispositivo que exige a confissão do credo roustanguista para poder participar do conselho e da diretoria; ainda pelos estatutos, a diretoria completa o conselho, e este elege a diretoria. [...] Se houvesse essa unidade de vistas que [se] proclama, se não houvesse uma divisão de águas, estabelecida pelos roustanguistas, os kardecistas não encontrariam ali as portas trancadas. Se ali forem, não se lhes pede colaboração mas subserviência [...].[5]

Não é alcançável o direito de os rustenistas e congêneres pensarem como quiserem. Mas se pode questionar que apresentem ao movimento espírita, a título de "Espiritismo", conceitos oriundos de obras em franco desalinho com a codificação kardeciana. Eis o que faço aqui. Até quando se sustentará a "unificação" nas bases carcomidas do Pacto de 5 de outubro de 1949, que atrela nosso movimento aos equívocos lastimáveis de *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, e que, infelizmente, assim como o rustenismo, ainda é causa estatutária da F.E.B.?[6]No mais, que o Cristo Jesus esteja sempre conosco, orientando-nos a estima recíproca na dimensão humanitária a cujo exercício a Vida Maior constantemente nos exorta.

[1] Ressalte-se que há um erro de data, pois o artigo de Kardec está na *Revista Espírita* de junho de 1866, e não 1867: Notícias Bibliográficas. Os Evangelhos Explicados. Obs.: Herculano Pires certamente leu esta *Resposta*, o que se infere destes dizeres: “O Codificador, sempre compreensivo e generoso, não quis aprofundar a análise do texto. Isso não o livrou da **resposta** agressiva que o advogado de Bordeaux lhe deu. [...] Apesar do seu espírito natural de tolerância, Kardec não deixou de assinalar a inocuidade dessa obra, o que exasperou Roustaing, como se vê na **resposta** que este lhe deu”. Até foi induzido em erro o mestre paulista pela *Resposta* de Roustaing, consignando o ano de 1867, e não 1866: “Kardec advertiu, ao registrar o aparecimento da obra, que ela era demasiado vasta. Posteriormente assinalou, como vemos no próprio artigo de crítica publicado na *Revista Espírita*, número de junho de **1867**, e reproduzido para contestação no primeiro volume da obra de Roustaing, que esta obra nada mais fez do que avançar além dos limites exigidos pelo bom-senso, não se afastando – quando naqueles limites – da linha por ele traçada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*”. (*O Verbo e a Carne*. 2.^a ed., Paidéia, 2003, p. 34.)

[2] <http://oprimadodekardec.blogspot.com/2011/02/os-quatro-evangelhos-feb-1920.html>. Obs.: Um adepto do rustenismo publicou a *Resposta* em sua totalidade, exemplar que gentilmente enviou ao meu endereço. No entanto, a íntegra só ratifica a parte. Em vão ali se procurará o que minimize as desastrosas faltas do advogado bordelês. (1.^a ed., Jorge Damas Martins, jan/2007.)

[3] *O Livro dos Médiuns*, 246. Obs.: Para *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, citei a tradução de Herculano Pires, LAKE; para *A Gênese*, Albertina Escudeiro Sêco, Léon Denis Gráfica e Editora, 2.^a ed, 2008; para *O Que é o Espiritismo*, *Obras Póstumas* e as *Revistas Espíritas*, as versões disponibilizadas pela F.E.B. em download; para *Viagem Espírita em 1862*, Wallace Leal Rodrigues, O Clarim. Eventuais exceções foram apontadas; todos os textos, adaptados ao Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

[4] *O Verbo e a Carne*. O Roustaingismo à Luz dos Textos. VI e X.

[5] *O Verbo e a Carne*. Erros Doutrinários. VI.

[6] Cf. Cap. 13: O Rustenismo nas Obras de Chico Xavier

Capítulo 1:

O FUTURO É TUDO

Tive oportunidade de comentar, seja em programas radiofônicos, em livros, seja em palestras ou seminários, sobre as doutrinas de J.-B. Roustaing. E Deus sabe o preço que pago por isto... Mas nada vale o silêncio acerca deste assunto, senão em proveito de colaboração com erros manifestos, a pretexto do cultivo de virtudes que são quase sempre desconhecidas da turminha seráfica do deixa-disso. Aliás, o estudo das instruções de Kardec e dos espíritos superiores que o assistiram não deixa qualquer dúvida quanto ao que se deve fazer:

Ah! crede-me, não temais desmascarar os velhacos que, novos Tartufos,[1] se introduziriam entre vós sob a máscara da religião; sede igualmente impiedosos para com os lobos devoradores, que se ocultariam sob peles de cordeiro.[2]

É preciso que se saiba que o Espiritismo sério se faz patrono, com alegria e apressuramento, de toda obra realizada com critério, qualquer que seja o país de onde provém, mas que, igualmente, repudia todas as publicações excêntricas. Todos os espíritas que, de coração, vigiam para que a doutrina não seja comprometida, devem, pois, sem hesitação, denunciá-las, tanto mais porque, se algumas delas são produtos da boa-fé, outras constituem trabalho dos próprios inimigos do Espiritismo, que visam a desacreditá-lo e poder motivar acusações contra ele. Eis porque, repito, é necessário que saibamos distinguir aquilo que a Doutrina Espírita aceita daquilo que ela repudia.[3]

Nunca me interessou a polêmica em si. Fui surpreendido em meus estudos pelo que se me revelou a simbólica matriz de todos os esforços deturpadores do pensamento kardeciano, do legítimo ensino espiritual de Jesus a novos tempos. Como deixar de

denunciar tal foco vicioso se isto corresponde a genuínos interesses doutrinários e das futuras gerações de espíritas?

Um quase silêncio fomentou-se à custa de tolerância bastarda e de rotunda ignorância... A verdade costuma cair no esquecimento. Então, alguns vêm com a tarefa ingrata de lembrá-la aos outros e a si mesmos, num trabalho tão necessário ao conjunto quanto todos os demais. Sempre que emerge uma nova geração ávida pela verdade, justiça costuma ser feita aos que, embora carentes do reconhecimento de seus pares, não hesitaram em trabalhar pelo próprio futuro e pelo de todos, ainda que sob os golpes da tibieza e da incompreensão de seus contemporâneos... Tal, a razão que levou o mestre lionês a dizer:

O presente é fugidio; amanhã não existirá mais; para nós nada é; o futuro é tudo, e é para o futuro que trabalhamos. Sabemos que as simpatias verdadeiras nos seguirão; as que estão à mercê de um interesse material não concretizado ou de um amor-próprio insatisfeito, não merecem este nome.[4]

Devendo o Espiritismo notabilizar-se nos fastos da Humanidade, será interessante para as gerações futuras saber por que meios ele se terá estabelecido. [...] A intriga e a ambição não devem usurpar o lugar que lhes não pertence, nem um reconhecimento e uma honraria que lhes não são devidos. **Se há Judas, forçoso é que sejam desmascarados.** [...] o Espiritismo sendo chamado a desempenhar um grande papel na História, importa que seu papel não seja desnaturado, e opor uma história autêntica às histórias apócrifas que o interesse pessoal poderia engendrar.[5]

Portanto, espelhemo-nos em Kardec e naquele que o protegia “de modo muito particular”. [6] Fiquemos em guarda contra o “fermento” dos fariseus e saduceus. Fixemos a higidez perene da individualidade imortal, que conhece a verdade porque ama e ama porque de fato conhece a verdade.

[1] Falsos devotos, indivíduos hipócritas.

[2] *Revista Espírita*. Nov/1861. Primeira Epístola de Erasto aos Espíritas de Bordéus.

[3] *Viagem Espírita em 1862*. Instruções Particulares. VI.

[4] *Revista Espírita*. Jun/1865. Nova Tática dos Adversários do Espiritismo.

[5] *Revista Espírita*. Set/1862. O Que Deve Ser a História do Espiritismo.

[6] Cf. *Obras Póstumas*, 09/09/1863.

Capítulo 2:

A POSTURA DE KARDEC

Pode-se ler em *Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing — Resposta a seus Críticos e a seus Adversários* [1883] que o próprio advogado de Bordéus admitiu ser a análise de Kardec, na *Revista Espírita* de junho de 1866, “o mais belo enterro de primeira classe que se pudera desejar” para a *Revelação da Revelação*.^[1]

O parecer de Kardec julgou prolixo o livro que o advogado bordelês lhe remetera já desde sua apresentação original, em três volumes. O mestre disse: “A nosso ver, se a obra se tivesse limitado ao estritamente necessário, poderia ter sido reduzida a dois, ou mesmo a um só volume, com isso ganhando em popularidade”. E ainda assim a F.E.B. houve por bem publicá-la em quatro tomos. Prova do quanto valiam para alguns de seus diretores as sábias orientações de Allan Kardec.

Em face da crítica meridiana do mestre lionês, os volumes em exame foram considerados pela quase totalidade dos espíritas, no dizer do próprio Roustaing, “uma obra inútil”.^[2] Este, o real motivo do descontente do advogado bordelês e de seus discípulos ao acusarem o Codificador da Doutrina Espírita — pasmem — de autoritarismo, ostracismo, infalibilidade e até falsa sabedoria, ignorância.^[3]

Em janeiro do ano de publicação da *Resposta* rustenista a seus críticos e adversários desencarnou a viúva de Kardec. Nem estas ilustres memórias os discípulos de Roustaing foram capazes de respeitar. O advogado bordelês partira já em 1879. Quatro anos

antes. Enquanto entre os vivos estiveram Kardec e sua doce Gabi, aqueles dissidentes declarados não ousaram enfrentar-lhes o que teria sido a merecida réplica, que coube, por fim, ao Jornal *Le Spiritisme*, da União Espírita Francesa, com a edição de *J.-B. Roustaing perante o Espiritismo — Resposta a seus discípulos*.

Esta réplica do *Le Spiritisme* se encontra sem tradução para o vernáculo porque, aos viajados rustenistas, não interessou tal publicação, a eles que se dizem tão interessados na grandeza da Causa Espírita. Que publiquem este histórico contraditório da União Espírita Francesa e mostrem ao menos esta nesga de amor à História do Espiritismo sem o vil desejo de reescrevê-la a favor de sua seita dissidente.

O debate sério era procedimento habitual do Codificador; ao contrário do que acontece nos meios paroquianos do movimento espírita, esquecidos do Kardec histórico. Os seguintes tópicos bem o lembram:

Nossa Revista será, assim, uma tribuna livre, em que a discussão jamais se afastará das normas da mais estrita conveniência. Numa palavra: discutiremos, mas não disputaremos.[4]

[...] jamais daremos satisfação aos amantes do escândalo. Entretanto, há polêmica e polêmica; uma há, diante da qual jamais recuaremos: é a discussão séria dos princípios que professamos. [...] É a isso que chamamos polêmica útil, e o será sempre quando ocorrer entre pessoas sérias que se respeitam bastante para não se afastarem das conveniências. Podemos pensar de modo diverso sem, por isso, deixar de nos estimarmos.[5]

O Espiritismo quer ser claro para todos e não deixar aos seus futuros adeptos nenhum motivo para discussão de palavras. Por isso todos os pontos susceptíveis de interpretação serão elucidados sucessivamente.[6]

Por maior, mais bela e justa que seja uma ideia, é impossível que reúna, desde o princípio, todas as opiniões. Os conflitos que dela resultam são a consequência inevitável do movimento que se processa, e são mesmo necessários, para melhor fazer ressaltar a verdade. É também útil que eles surjam no começo, para que as ideias falsas sejam mais rapidamente desgastadas.[7]

Achar os espíritas em falta e em contradição com seus princípios seria uma boa sorte para os seus adversários; assim, vede como se empenham em acusar o Espiritismo de todas as aberrações e de todas as excentricidades pelas quais não poderia ser responsável. A doutrina não é ambígua em nenhuma de suas partes; é clara, precisa, categórica nos mínimos detalhes; só a ignorância e a má-fé podem enganar-se sobre o que ela aprova ou condena. É, pois, um dever de todos os espíritas sinceros e devotados repudiar e desaprovar abertamente, em seu nome, os abusos de todo gênero que pudessem comprometê-la, a fim de não lhes assumir a responsabilidade. Pactuar com os abusos seria acumpliciar-se com eles e fornecer armas aos adversários.[8]

Somos absolutos demais em nossas ideias? Somos um cabeça-dura com quem nada se pode fazer? Ah! meu Deus! cada um tem os seus pequenos defeitos; temos o de não pensar ora branco, ora preto; temos uma linha traçada e dela não nos desviaremos para agradar a quem quer que seja. É provável que sejamos assim até o fim. [...]

Falar dessas opiniões divergentes que, em última análise, se reduzem a algumas individualidades, e em parte alguma formam corpo, não será, talvez digam algumas pessoas, ligar a isto muita importância, assustar os adeptos fazendo-os crer em coisas mais profundas do que realmente o são? não é, também, fornecer armas aos inimigos do Espiritismo?

É precisamente para prevenir esses inconvenientes que disto falamos. Uma explicação clara e categórica, que reduz a questão ao seu justo valor, é mais adequada para assegurar do que para amedrontar os adeptos; eles sabem como proceder e aí encontram argumentos para a réplica.[9]

Em sua análise de *Os Quatro Evangelhos*,[10] Kardec mostrou a elegância de um verdadeiro missionário: lúcido, equilibrado, leal, mas firme, decidido, ciente da justeza de suas razões. O mestre deixou aos espíritos que ditaram a suposta *Revelação da Revelação* a responsabilidade pelas coisas “duvidosas” que disseram, como as adjectivou o próprio Codificador. Ainda assim, recomendou sua leitura aos conscienciosos.

Confiante na razão, Kardec não negou ao discernimento dos espíritas sérios a capacidade de rejeitar as teses rustenistas. Deixou claro, porém, que, “até mais ampla confirmação, não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina

Espírita”. E já em 1868, no livro *A Gênese*, XV, 66, Kardec demonstrou que não houve endosso, e sim contradita.^[11]

O Codificador desejava que tudo estivesse sob a mais intensa luz. Jamais adotou a providência inquisitorial da imposição de silêncio sobre o quer que fosse. Todavia, muitos espíritas, julgando-se mais cautelosos que o mestre o foi, afirmam não falarem de assuntos polêmicos porque não querem divulgar “o mal”.

Mas o que falta à maioria destes tais é a segurança que só o conhecimento das razões doutrinárias lhes poderia proporcionar. Isto, entretanto, somente se consegue ao preço de intensos estudos, nunca ao baixíssimo valor de memorizações de frases de efeito, fundadas em retóricas piegas, de todo ignorantes do que seja realmente o sentimento do bem.

[1] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 47.

[2] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 47.

[3] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, pp. 47 e 49.

[4] *Revista Espírita*. Jan/1858. Introdução.

[5] *Revista Espírita*. Nov/1858. Polêmica Espírita.

[6] *Revista Espírita*. Jun/1863. Do Princípio da Não Retrogradação dos Espíritos.

[7] *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Introdução, II.

[8] *Revista Espírita*. Jun/1865. Nova Tática dos Adversários do Espiritismo.

[9] *Revista Espírita*. Abr/1866. O Espiritismo Independente.

[10] Cf. *Revista Espírita*. Jun/1866. Os Evangelhos Explicados.

[11] Cf. Cap. 8: Jesus Não Era Um Agênera.

Capítulo 3:

A PROVA DO CISMA RUSTENISTA

Nas páginas suprimidas do prefácio de *Os Quatro Evangelhos*, de 1920, Roustaing e seus discípulos acusam, com ironia e desdém, o Codificador de ser o “*chefe*”, o “*mestre*” de um “espiritismo de fantasia”, uma “igrejinha com seus corrilhos, entregue a lutas liliputianas”.^[1] Data venia, o “jurisconsulto sábio e profundo, advogado poderoso pela sua dialética e pela atração de sua eloquência”,^[2] como se referem a Roustaing os seus discípulos, é que afirmou estar a pretendida *Revelação da Revelação* destinada “a criar a base e os fundamentos da igreja una e universal do Cristo para a era nova”.^[3] Foi Roustaing que, no vocativo de sua carta a Kardec, utilizou as expressões “Mon cher monsieur et très honoré *chef Spirite*”.^[4]

Não se pode discordar dos discípulos do advogado bordelês quando dizem que este era dono de “um coração simples” e de um “espírito humilde”,^[5] porque chegou a afirmar que sua própria obra precedia e preparava — imaginem — “o novo advento do Messias”, o qual viria “para sancionar a verdade e mostrá-la sem véus”;^[6] afinal, haviam ensinado os guias rustenistas:

Por que a Jesus [...] seria impossível materializar [...] um corpo perispirítico tangível com as faculdades aparentes do homem, as fases aparentes do seu desenvolvimento? Este fato, único até hoje nos anais do vosso planeta, se produzirá de novo, quando o tempo for chegado. Então, melhor o compreenderão os homens [...].^[7]

Nem a posse, portanto, de “uma ciência e uma erudição excepcionais”^[8] puderam evitar que o jurisconsulto bordelês professasse uma crença desculpável apenas ao estado medieval de analfabetismo. E foi este homem que se dirigiu à “escola” de Kardec para exortá-la à “instrução” e à “educação”; para concitá-la à renúncia de suas “momices” e “superstições”.^[9] Sim, este homem que pretendia viável a “fusão” de catolicismo, protestantismo, judaísmo, islamismo, bramanismo e budismo com “a religião dos selvagens e das tribos”.^[10]

Desconhecendo por completo o alcance de *O Livro dos Espíritos* já desde o seu primeiro questionamento, Roustaing assegurou ainda que *Os Quatro Evangelhos* era a publicação “abridora da fase teológica”, “o primeiro plano da obra do Espírito da Verdade, preparatória da era nova, cujo início ela marca”.^[11] Se os volumes rustenistas eram considerados, pois, este “primeiro plano”, este marco inicial da “fase teológica” e da era nova, a intenção de ignorar e até de substituir a obra kardeciana é mais que evidente.

Isto se confirma igualmente quando os discípulos de Roustaing ressaltam que seu mestre — pasmem —, “mau grado às injustiças que de Kardec recebera”, sempre o “considerou como o verdadeiro fundador da Doutrina Espírita”.^[12] Como se houvesse alguma dúvida sobre quem era o fundador do Espiritismo e Roustaing, ou qualquer outro, tivesse realizado algo que pudesse suscitar esta incerteza.

Fica patente a rivalidade, a exagerada conta em que Roustaing e seus discípulos tinham sua própria “escola”, supostamente tão superior à de Kardec a ponto de poder substituí-la. Àquele momento, o cisma rustenista era confesso. Proclamavam: “Nessa época, em que Allan Kardec intentava erigir o seu sistema de verificação universal, havia *cismas* e cismas há atualmente. É a lei do livre-arbítrio e ninguém tem o poder de impedir que os cismas se produzam”.^[13]

Não se tratava, portanto, de uma ocasional divergência, mas de uma funda dissidência, cujo “dever”, segundo entendiam Roustaing e seus discípulos, era o de “criar o livre pensamento espiritualista”.^[14] Foi assim que chegaram a lançar à obra de Kardec a pecha de “espiritismo de fantasia”, acusando-a de pretender “nivelar todas as inteligências e ligá-las ao mesmo dogma”.^[15] Claro que nunca deram ouvidos ao que o Espírito Santo Agostinho disse certa feita sobre Kardec e o Espiritismo:

Lembrai-vos de que o Cristo julgou necessário que a sua Igreja se assentasse sobre a própria pedra, a fim de ser sólida, assim como ordena não tenha o Espiritismo senão uma raiz, de modo a penetrar com mais força em toda a superfície do solo, por mais árida e ressecada que seja.

Um Espírito encarnado foi escolhido para vos dirigir, para vos conduzir. Submetei-vos com respeito, não às suas leis, pois ele não ordena, mas aos seus desejos. Por essa submissão provareis aos vossos inimigos que tendes convosco o necessário espírito de disciplina para fazerdes parte da nova cruzada contra o erro e a superstição, o necessário espírito de amor e de obediência

para marchardes contra a barbárie. Envolvei-vos, pois, na bandeira da civilização moderna: o Espiritismo sob um só chefe e derrubareis essas ideias pavorosas de fronte chifrudas e de grandes caudas, que é preciso destruir.

Não direi o nome desse chefe; vós o conheceis. Está na frente; marcha sem temor às dentadas venenosas das serpentes e dos répteis da inveja e do ciúme que o cercam; ficará de pé, porque ungimos seu corpo, para que seja sempre sólido e robusto. Segui-o, então.[16]

Mais do que evidente fica o porquê de o mestre Lionês, na introdução de *A Gênese*, assim se ter exprimido:

Sua documentação [de *A Gênese*] estava pronta, ou pelo menos elaborada há muito tempo, mas o momento de publicá-la ainda não havia chegado. Era preciso, inicialmente, que as ideias que deviam constituir a sua base chegassem à maturidade e, além disso, levar em consideração a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem nem mistérios nem teorias secretas; nele tudo deve ser dito às claras, a fim de que cada um possa julgá-lo com conhecimento de causa, mas cada coisa deve vir a seu tempo, para vir seguramente. Uma solução dada precipitadamente, antes da elucidação completa da questão, seria uma causa mais de atraso que de adiantamento. A importância da causa, na questão que aqui se trata, nos impunha o dever de evitar toda precipitação.

Patenteado está que Kardec se refere ao proceder exclusivista e, por que não dizer, pretensioso de Roustaing. Como dissera o mestre em sua crítica de junho de 1866, o advogado de Bordéus, “em vez de proceder por gradação, quis atingir o fim de um salto”. Segundo Kardec, portanto, Roustaing precipitou-se, gerando “uma causa mais de atraso que de adiantamento” para o Espiritismo.[17]

[1] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, pp. 47, 72 e 73.

[2] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 52.

[3] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 68.

[4] *Revista Espírita*. Jun/1861. Correspondência.

[5] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 52.

[6] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 69.

[7] *Os Quatro Evangelhos*. Vol. I, n. 14. F.E.B., 5.^a ed., 1971.

[8] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 52.

[9] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, pp. 72 e 74.

- [10] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 69.
- [11] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 69.
- [12] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 75.
- [13] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 72.
- [14] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 74.
- [15] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 73.
- [16] *Revista Espírita*. Ago/1862. Sociedade Espírita de Constantina.
- [17] Cf. Cap. 5: Os Critérios Kardecianos.

Capítulo 4:

AS ADVERTÊNCIAS DE KARDEC A ROUSTAING E A PROFECIA DE ERASTO

Na *Revista Espírita* de junho de 1863 há um artigo kardeciano sobre a não retrogradação dos espíritos. Este texto foi citado pelo advogado de Bordéus e submetido ao exame dos autores espirituais de *Os Quatro Evangelhos* no número 59 da obra. Os guias da pretendida *Revelação da Revelação* concluíram que os que pensam ser a encarnação uma necessidade geral “não foram esclarecidos, ou não refletiram bastante”.

Kardec diz em seu artigo de junho de 1863 que a ideia rustenista de que “os espíritos não teriam sido criados para encarnarem”, que “a encarnação seria tão somente o resultado de sua falta”, constitui um sistema “especioso à primeira vista”, e que “tal sistema cai pela mera consideração de que, se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens na Terra, nem em outros mundos”.

Segundo o Codificador, o homem “é uma das engrenagens essenciais da criação” e, por esta razão, “Deus não podia subordinar a realização desta parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que contasse para tanto com um número sempre suficiente de culpados para fornecer operários aos mundos criados e por criar”. Para Kardec: “O bom-senso repele tal ideia”.

Mas a isto responderam os guias de Roustaing: “A última frase deve ser riscada”. E mesmo confessando que era “cedo” para resolver a “origem do Espírito” — em relação ao quê, aliás, Kardec já recomendara máxima cautela^[1] —, os guias rustenistas exortaram a vaidade da sensitiva e do próprio jurisconsulto assim:

Utilizai-vos do que vos dizemos [sobre a origem das coisas], porquanto, ao tempo em que este vosso trabalho aparecer aos olhos de todos, os espíritos encarnados já se acharão mais dispostos a receber o que então [quando, em *O Livro dos Espíritos*, foi dito que o Espírito era criado simples e ignorante], e mesmo hoje [abril de 1863], tomariam por uma monstruosidade, ou por uma tolice ridícula.^[2]

Kardec reafirmou em seu artigo de junho de 1863 a doutrina de *O Livro dos Espíritos* e negou a tese rustenista que assegura que a reencarnação é ocasionada por castigo a espíritos faltosos. Isto prova irrefutavelmente que não é verdadeira a propaganda centenária da F.E.B., a qual sempre deu conta de que Kardec e Roustaing só divergiam quanto à natureza do corpo de Jesus, concordando em tudo mais.

O Codificador disse em alto e bom som que o estado primitivo do Espírito não é o de “inocência inteligente e raciocinada”. Estes termos utilizados pelo mestre lionês em junho de 1863 resumem com precisão as teses “especiosas” da *Revelação da Revelação* que, no entanto, somente seria publicada três anos depois. Se não, vejamos:

Atingindo o ponto de preparação para entrarem no reino humano, os espíritos se preparam, de fato, em mundos ad-hoc, para a vida espiritual consciente, independente e livre. É nesse momento que entram naquele estado de *inocência* e de ignorância. A vontade do soberano Senhor lhes dá a consciência de suas *inocência* e faculdades e, por conseguinte, de seus atos, consciência que produz o livre-arbítrio, a vida moral, a *inteligência* independente e capaz de *raciocínio*, a responsabilidade. Chegado deste modo à condição de Espírito formado, de Espírito pronto para ser *humanizado se vier a falir*, o Espírito se encontra num estado de *inocência* completa, tendo abandonado, com os seus últimos invólucros animais, os instintos oriundos das exigências da animalidade. [...] Os que se conservam puros também desenvolvem atividades e inteligência, a fim de progredirem, no estado fluídico, por meio dos esforços espirituais que necessitam fazer para, da fase de *inocência* e de ignorância, de infância e de instrução, chegarem, sem falir, à perfeição!^[3]

Esta flagrante coincidência de vocábulos e a citação, no número 59 de *Os Quatro Evangelhos*, da absoluta negativa de Kardec à tese da “queda” evidenciam que, de alguma sorte, já em 1863, o Codificador havia tomado ciência do material que estava sendo compilado por Roustaing desde dezembro de 1861. Ponderava o saudoso confrade Gélío Lacerda da Silva, ex-presidente da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo:

Para entender como Kardec contestou, em 1863, um assunto que Roustaing veiculou no seu livro, publicado em 1866, tudo leva a crer que Roustaing, antes do seu livro vir a público, já

divulgava o seu conteúdo. Foi em abril de 1863 que os espíritos mistificadores ditaram a Roustaing, através de Mme. Collignon, o ensino antidoutrinário de que o Espírito só será humanizado se vier a falar, conforme nota de rodapé da pág. 295, 1.º volume, 5.ª ed. de *Os Quatro Evangelhos*; portanto, não há dúvida de que Kardec, em junho de 1863, no seu referido artigo, se louvou na mensagem ditada a Roustaing em abril de 1863.[4]

E aduzo a isto um fato relevante. O Codificador, certa vez, publicou carta da médium Émilie Collignon encaminhando a si ditados espirituais. Acreditara a sensitiva que um desses comunicados era de um espírito que, antes, se apresentara a Kardec em substituição ao de Gérard de Codemberg. Rebatidos os argumentos da médium, o gênio lionês diz-lhe que o texto “apresenta todos os caracteres de uma comunicação apócrifa.”[5]

A seguir, Kardec publica mensagem do Espírito *Bernardin* à mesma sensitiva, na qual se apregoa na conta de “pensamento filosófico”, “cheio de sabedoria”, o suposto fato de que “somos uma essência criada pura, mas decaída; pertencemos a uma pátria onde tudo é pureza; culpados, fomos exilados por algum tempo, mas só por algum tempo”. Já era a doutrina rustenista da queda do espírito!

Em clara reparação, o mestre recomenda, entre parênteses, a leitura de seu aclamado artigo de janeiro de 1862, sobre a doutrina dos anjos decaídos, bem como, em sua observação final, adverte para o perigo de, em certas comunicações, espíritos não muito elevados emitirem opiniões pessoais, que refletem apenas sistemas e ideias nem sempre justos acerca dos homens e das coisas. Segundo Kardec:

Publicadas sem corretivo, essas ideias falsas apenas lançarão descrédito sobre o Espiritismo, fornecerão armas aos seus inimigos e semearão a dúvida e a incerteza entre os neófitos. Com os comentários e as explicações dados a propósito, o próprio mal por vezes se torna instrutivo. Sem isto poderiam responsabilizar a doutrina por todas as utopias enunciadas por *certos espíritos mais orgulhosos que lógicos*. Se o Espiritismo pudesse ser retardado em sua marcha, não seria pelos ataques abertos de seus inimigos declarados, mas pelo *zelo irrefletido dos amigos imprudentes*. Não se trata, pois, de fazer *coletâneas indigestas, onde tudo se acha amontoado confusa mente e cujo menor inconveniente seria aborrecer o leitor; é preciso evitar com cuidado tudo quanto possa falsear a opinião sobre o*

Espiritismo. Ora, tudo isto exige um trabalho que justifica a demora de tais publicações.[6]

A situação não era de todo boa para a médium, que já estava recebendo a pretensa *Revelação da Revelação* desde de dezembro de 1861, o que se estenderia até maio de 1865,[7] e em clima, agora, quem sabe, de provável melindre, em função destes pareceres desfavoráveis de Kardec. Anote o estudioso que o mestre lionês fala, em sua observação, sobre “espíritos mais orgulhosos que lógicos”, “zelo irrefletido dos amigos imprudentes” e “coletâneas indigestas, onde tudo se acha amontoado confusamente e cujo menor inconveniente seria aborrecer o leitor”. Não resta dúvida! O material rustenista foi enviado a Kardec já em 1862, mas o mestre logo lhe percebeu as inconsistências e perigos.

Roustaing, portanto, pôde contar com a prévia advertência do Codificador, que se dignou até poupá-lo do ridículo, dada sua distinção social, não lhe mencionando o nome naquele artigo de junho de 1863, sobre a não retrogradação dos espíritos. Elegante, mas firme, Kardec definiu a tese rustenista da queda como “um sistema que tem algo de especioso à primeira vista”, argumentado da forma que já destaquei de início.

O juriconsulto bordelês, portanto, deveria ter acatado o entendimento do seu “muito honrado *chefe Espírita*”. Foi dada a Roustaing a oportunidade de desistir daquele trabalho, todavia não o interrompeu; na certa, por orgulho ferido. Um ex-presidente da Ordem dos Advogados, membro do Tribunal Imperial de Bordéus, a ser “desacatado” por um professor lionês radicado em Paris. Não, isto não podia ser, ainda mesmo que se tratasse de um autor pedagógico aclamado.

A médium Collignon e o advogado Roustaing. Ambos em situação de evidente mágoa por não haverem obtido de Kardec o respaldo que ambicionavam para seus trabalhos mediúnicos. Combinação explosiva que gerou o primeiro cisma no movimento espírita, cujos ecos, infelizmente, se podem ouvir ainda.

Não bastassem estas advertências de Kardec, espíritos orientadores haviam expedido alertas a respeito de um ataque de entidades mistificadoras na cidade de Bordéus. Durante a sessão geral lá ocorrida a 14 de outubro de 1861, Kardec leu, após o seu discurso, uma epístola de Erasto aos espíritas daquela localidade. [8]

Em voz um tanto mais severa, o amigo espiritual da codificação kardeciana assegurou ser necessário premunir os espíritas bordeleses contra um perigo que era seu dever lhes

assinalar. Erasto avisou-os, então, do iminente assalto de uma turba de espíritos enganadores, cuja finalidade seria fomentar a cisão, a divisão, e levar a uma ruptura por todos os títulos lamentável. Repetindo o que os próprios guias espirituais do movimento em Bordéus disseram aos espíritas daquela cidade, Erasto esclareceu que haveria dois tipos de mistificadores no ataque. Um tipo viria com combinações abertamente hostis aos ensinamentos dos legítimos missionários do Espírito de Verdade, este, o presidente da regeneração planetária e guia pessoal de Kardec e do Espiritismo. Outro tipo de mistificadores, porém, apresentar-se-ia com dissertações sabiamente combinadas, nas quais, graças a tiradas piedosas, insinuariam a heresia ou algum princípio dissolvente.

Roustaing tomou conhecimento da epístola por terceiros? Ou, como adeptos seus afirmam hoje sem provas, esteve presente à sessão geral? De qualquer forma, não foi por falta de mais este aviso que cometeu o erro de publicar sua pretensa Revelação da Revelação, cujos ditados começariam a aparecer já em dezembro daquele ano, dois meses depois da sessão geral, insinuando exatamente a heresia gnóstico-docetista do Jesus fluídico e o princípio dissolvente da reencarnação como resultado de uma suposta queda, espécie de falência, verdadeira retrogradação que, segundo os guias rustenistas, seria aplicável até a espíritos com responsabilidades planetárias.[9]

Tudo se deu tal qual a predição. Foi um vaticínio de Erasto; na ocasião, mensageiro do Espírito de Verdade; este último, aliás, alguns espíritos ligados à Igreja dos primeiros tempos já haviam identificado como Jesus, em casa do Sr. Roustaing e do Sr. Sabo, a quem Kardec recomendou o primeiro, para que se iniciasse no Espiritismo. Ao lado do mal, vê-se que Deus pusera o remédio, mas não foi usado.[10]

A nomenclatura criada por Kardec — a palavra *Espiritismo*, inclusive — estava em toda a suposta *Revelação da Revelação*, mesmo no título: “*Espiritismo cristão*”. Como se nunca fora dito por Kardec: “O ponto essencial é que o ensinamento dos espíritos é eminentemente cristão: ele se apoia na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo, e portanto não é antirreligioso”. [11]

O fato é que Roustaing, infelizmente, se apoderou do nome e dos termos de uma doutrina cuja codificação nunca lhe coube. Além disto, nem ele nem seus discípulos jamais demonstraram em quê, afinal de contas, a tese basilar de sua

“escola” se distingue da antiga tese dos gnósticos docetistas. No dizer autorizado de E. Pagels, a antiga seita postulava que “Jesus não era um ser humano, e sim um ser espiritual que se adaptara à percepção humana”,^[12] ou seja, conforme no Espiritismo se diz: um *agênere*.

Não se trata, claro, de o agênere desenvolver percepção física, mas, isto sim, de adaptar-se à percepção humana, isto é, de terceiros, a fim de que o possam notar, mesmo desencarnado; tanto assim, que os rustenistas apregoavam que Jesus não tinha “corpo material humano, sujeito à morte”, que “não podia sofrer segundo o nosso modo de entender material” e que — pasmem — “não morreu efetivamente no Gólgota”.^[13] Oras! Diz o Espiritismo mui contundentemente:

[...] o Espírito que não tem corpo material não pode experimentar os sofrimentos que são o resultado da alteração da matéria, de onde também é forçoso concluir que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é porque tinha um corpo material de natureza semelhante à dos corpos de toda a gente.^[14]

Acresça-se a isso o flagrante de que, para o rustenismo, na prática, a carne humana é mesmo um efeito “do mal”; apenas a assumem os espíritos que são punidos por faltas cometidas no “estado fluídico”. E o docetismo, segundo Pastorino, entendia exatamente isto: “[...] tudo o que é material é imperfeito e impuro, pois é obra do Princípio do Mal; como Jesus apresentara o Princípio do Bem, o Pai, não podia ter-se submetido ao Princípio do Mal e, portanto, não poderia ter tido corpo físico carnal”.^[15]

De fato, neste texto de *Os Quatro Evangelhos*, dentre outros, pode-se constatar o horror dos guias docetistas ao corpo humano, vinculando-o à “lama”, ao “sofrimento”, à “falibilidade”; tornando-o efeito inerente à condição de “culpado”:

Maior ainda era a diferença entre esse corpo de Jesus e os vossos corpos de lama. [...] não o esqueçais: todo aquele que reveste a carne e sofre, como vós, a encarnação material humana é falível. Jesus era demasiadamente puro para vestir a libré do culpado. Sua natureza espiritual era incompatível com a encarnação material, tal como a sofreis. (Vol. I, n. 14.)

Possível seria concluir então, com os guias rustenistas, que Jesus não cometeu imperfeições morais quando esteve na

Terra não só porque nunca as praticara nos planos do Espírito, mas também porque não estava revestido da carne humana. A instrução 625 de *O Livro dos Espíritos* caducaria.

Sim, pois que valor possuiria para nós o guia e o modelo de uma perfeição que lhe foi conferida por processo evolutivo diferente daquele em que nos encontramos? Seria um guia errado, um modelo errado para uma humanidade errada, porque nada saberia de nossa vida terrestre, com a qual sua pureza sempre teria sido incompatível.

E mais: Jesus teria mentido quando disse a Nicodemos: “Falo do que sei; dou testemunho do que vi”, porquanto nada conheceria nem nada teria visto acerca da nossa experiência humana. O rustenismo, por estas e outras, é um insulto à autoridade moral e espiritual do Mestre de Nazaré, a despeito de supor exaltá-la.

[1] “São essas opiniões pessoais que os espíritos orgulhosos nos dão como verdades absolutas. É sobretudo a respeito do que deve permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, que eles mais insistem, a fim de darem a impressão de que conhecem os segredos de Deus. E é também sobre esses pontos que há mais contradições.” (*O Livro dos Médiuns*, 300.)

[2] *Os Quatro Evangelhos*. Vol. I, n. 56. F.E.B., 5.^a ed., 1971, p. 295. Entre colchetes, palavras minhas.

[3] *Os Quatro Evangelhos*. Vol. I, ns. 56 e 59.

[4] *Conscientização Espírita*. Do Princípio da Não Retrogradação dos Espíritos.

[5] *Revista Espírita*. Jun/1862. Princípio Vital das Sociedades Espíritas.

[6] *Revista Espírita*. Jun/1862. Ensinos e Dissertações Espíritas. O Espiritismo Filosófico. Bordeaux, 4 de abril de 1862. Médium: Sra. Collignon. Observação [de Kardec].

[7] Cf. *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 5.^a ed., 1971, pp. 64 e 66.

[8] *Revista Espírita*. Nov/1861. Primeira Epístola de Erasto aos Espíritas de Bordéus.

[9] *Os Quatro Evangelhos*. Vol. I, n. 59. F.E.B., 5.^a ed., 1971, p. 325-326. Cf. Cap. 14: Estranhezas do Ensino Rustenista.

[10] Cf. *Revista Espírita*. Jun/1861. Correspondência.

[11] *O Livro dos Espíritos*, 222.

[12] *Os Evangelhos Gnósticos*, IV.

[13] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 59.

[14] KARDEC, Allan. *A Gênese*, XV, 65.

[15] *Sabedoria do Evangelho*. Vol. 3. Jesus Anda Sobre a Água.

Capítulo 5:

OS CRITÉRIOS KARDECIANOS

Em tudo isto, não fiz senão recolher e coordenar metodicamente o ensino dado pelos espíritos; sem levar em conta opiniões isoladas, adotei as do maior número, afastando todas as ideias sistemáticas, individuais, excêntricas ou em contradição com os dados positivos da Ciência.[1]

Verifica-se que Allan Kardec agia muito racional, gradativa e judiciosamente, sem nenhuma pretensão ao exclusivismo ou à infalibilidade. Recebia comunicações, conforme assegurou, “de cerca de mil centros espíritas sérios, espalhados pelos mais diversos pontos do globo”, razão indiscutível do sucesso de suas obras. Observava e estudava, com a assistência de seus guias espirituais, o movimento geral de comunicação dos espíritos. Chegando o momento de entregar à publicidade o conjunto apurado das revelações, cada grupo espírita, ao ler as obras kardecianas, se lembrava de haver obtido instruções de sentido, senão idêntico, ao menos semelhante.[2]

É esse o objetivo das nossas publicações — dizia Kardec —, que podem ser consideradas como o resultado dessa *apuração*. Nelas, todas as opiniões são discutidas, mas as questões somente são apresentadas em forma de princípios depois de terem recebido a consagração de todos os controles que lhes podem dar força de lei e permitir afirmações. Eis por que não preconizamos levianamente nenhuma teoria, e é por isso que a Doutrina, procedendo do ensino geral, não representa o resultado de um sistema preconcebido. É também o que lhe dá a sua força e assegura o seu futuro.[3]

Sobrou a Roustaing o desprazer de dizer em sua malfadada *Resposta* póstuma que o mestre lionês — pasmem — não tinha sequer o endereço dos cerca de mil centros espíritas sérios e que, em sua posição, erigira-se num autoritário senhor, fazedor de sectários, num papa, num chefe de infalível ortodoxia.[4] Como se verifica, Roustaing foi mesmo um traidor, porque não hesitou em rebaixar à condição vulgar de um arrogante mentiroso aquele que tanto exaltou por “muito honrado *chefe* Espírita”. [5] E fez isto para quê? Para insistir na

ilusão de que havia superado Kardec pelos ensinamentos confusos de espíritos enganadores, que se comunicaram num mesmo lugar e por uma única médium — Bordéus, de dezembro de 1861 a maio de 1865.[6]

Desde 1859, em sua obra para iniciantes, o mestre de Lyon preconizava estes critérios para a codificação da Doutrina Espírita ou Espiritismo:

Dois meios podem servir para fixar as ideias sobre as questões duvidosas: o primeiro, é submeter todas as comunicações ao exame severo da razão, do bom-senso e da lógica; é uma recomendação que fazem todos os bons espíritos; abstêm-se de fazê-la os maus, pois sabem não ter senão a perder com esse exame sério, pelo que evitam discussão e querem ser cridos sob palavra. O segundo critério da verdade está na concordância do ensino. Quando o mesmo princípio é ensinado em muitos pontos por diferentes espíritos e médiuns estranhos uns aos outros e isentos de idênticas influências, pode-se concluir que ele está mais próximo da verdade do que aquele que emana de uma só fonte e é contradito pela maioria.[7]

A qual destes dois critérios obedeceu a obra do advogado bordelês para que nela inscrevesse a palavra Espiritismo? A nenhum. Trata-se, pois, de usurpação barata. E ao contrário do que vociferavam Roustaing e seus discípulos, Kardec nunca pretendeu que seus critérios fossem infalíveis. Apenas os julgava investidos de maior segurança, de mais amplas garantias. Entendia que o exclusivismo e o isolamento, na época mesma do império do livre exame, jamais poderiam ser bons conselheiros.

Para Kardec, a coincidência estabelecida sobre um ponto de ensino dos espíritos lhe conferia gravidade, não infalibilidade. É o que se lê no original da parte II da Introdução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*: “[...] la coïncidence seule leur donne de la gravité [...]”. As concordâncias no ensino coletivo dos espíritos contrabalançavam, portanto, as escolhas da razão individual de Kardec e, não se duvide, vice-versa, como resta comprovado em *O Livro dos Espíritos*, 222:

Não é somente porque veio dos espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. É porque essa doutrina nos pareceu a mais lógica [...] tê-la-íamos repellido, mesmo que provinda dos espíritos, se nos parecera *contrária à razão*, como repelimos muitas outras, pois sabemos, por

experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, da mesma forma que se não deve adotar às cegas tudo o que proceda dos homens. (Grifo meu.)

Era um jogo de confrontos dialógicos que transcorria muito equilibradamente no curso da genial metodologia kardeciana para codificação do Espiritismo. Assim não fosse, e ler hoje as obras de Kardec com tanto proveito seria impensável. As escolhas da sua razão individual sobrepujaram as concordâncias de ensino dos espíritos? Tiveram mais peso no jogo de confrontos? De uma forma ou de outra, no movimento de constante apuração comparativo-analítica do mestre lionês só podia haver méritos. Demais, a razão dialógica de um iluminista nato como Kardec será, a qualquer tempo, mil vezes preferível à mística cambaleante de um passional como Roustaing.

O primeiro controle é, sem contradita, o da razão, ao qual é necessário submeter, sem exceção, tudo o que vem dos espíritos. Toda teoria em contradição manifesta com o *bom-senso*, com uma *lógica rigorosa*, com os *dados positivos* que possuímos, por mais respeitável que seja o nome que a assine, deve ser rejeitada.[8]

Essa coletividade concordante da opinião dos espíritos, *passada, ao demais, pelo critério da lógica*, é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora mister que a universalidade dos espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que dissera.[9]

E deste modo deveria ser feito, sobretudo, “para as coisas que não podemos controlar com os próprios olhos”, como disse Kardec no seu artigo de análise dos volumes rustenistas, de junho de 1866.

Onde estavam, pois, a pretensão à infalibilidade, o ostracismo, o autoritarismo, a ignorância e a superstição de Kardec? Quem, afinal, aceitou o que disseram certos espíritos pelo simples fato de eles o terem dito?

Sim, porque as tais pesquisas inglesas e alemãs que teriam comprovado a tese do corpo fluídico concretizado de Jesus foram realizadas apenas na década seguinte à do lançamento da suposta *Revelação da Revelação*.

Estas pesquisas, aliás, tão só ratificaram a existência do perispírito e a capacidade de este se tornar tangível, impregnando-se dos elementos oferecidos pelos médiuns de efeitos físicos. Qual a novidade? Mas daí a aplicá-las à pessoa de Jesus...

Por outra, se Kardec recusou argumentos e comunicações espíritas que, antes de Darwin, afirmavam a verdade sobre a descendência do homem, a seleção e a evolução das espécies, ele o fez muito bem. Isto só demonstra seu máximo rigor em não aceitar o que carecesse de base sólida, seu prudente escrúpulo em não acreditar, sobre este ou aquele ponto, apenas na palavra empenhada, seja dos encarnados, seja, com mais forte razão, dos desencarnados.

Os esclarecimentos acerca da evolução do princípio inteligente “numa série de existências que precedem o período a que chamamos humanidade”, realmente, só apareceram na segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, de 18 de março de 1860, número 607. Mas não se afigura razoável que Kardec somente tenha visto efetividade nesta ideia após a publicação, em 1859, de *A Origem das Espécies*?

Só há méritos nisto! Apenas o misticismo de Roustaing poderia enxergar nesta suposta recusa de Kardec algo depreciativo. Ainda não haviam entendido que a tarefa dos espíritos superiores não é revelar aos encarnados aquilo que só pelo trabalho estes devem alcançar. Dizia o mestre lionês:

Os bons espíritos vêm nos instruir para nossa melhoria e nosso progresso, e não para nos revelar o que não devemos ainda saber, ou aquilo que não devemos aprender senão pelo nosso trabalho. Se bastasse interrogar os espíritos para obter a solução de todas as dificuldades científicas, ou para fazer descobertas ou invenções lucrativas, todo ignorante poderia tornar-se sábio gratuitamente, e todo preguiçoso poderia se enriquecer sem trabalhar; é o que Deus não quer. Os espíritos ajudam o homem de gênio pela inspiração oculta, mas não o isentam do trabalho e da pesquisa, a fim de deixar-lhe o mérito deles.[10]

Ora, as manifestações, e suas inumeráveis modalidades, são fatos; o homem os estuda para lhes encontrar a lei, sendo auxiliado nesse trabalho por espíritos de todas as categorias, que são antes *colaboradores* que *reveladores*, no sentido usual da palavra. O homem submete as declarações dos espíritos ao controle da lógica e do bom-senso, dessa maneira ele se beneficia dos conhecimentos especiais que os espíritos devem à

posição que ocupam, sem abdicar do uso da própria razão. Um aspecto fundamental a considerar é que, sendo os espíritos apenas as almas dos homens, comunicando-nos com eles *não saímos da humanidade*.^[11]

Os espíritos não vêm para livrar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas; eles não lhe fornecem nenhuma ciência inteiramente pronta, e o que o homem pode descobrir por si mesmo, eles deixam entregue às suas próprias forças. Os espíritos, hoje, sabem disso perfeitamente.^[12]

[1] KARDEC. *Revista Espírita*. Set/1863. Segunda Carta ao Padre Marouzeau.

[2] Cf. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Introdução, II.

[3] *A Gênese*. I, 53, nota 1.

[4] Caps. III e IV da *Resposta na íntegra*, pp. 52 e 62. 1.^a ed., Jorge Damas Martins, jan/2007.

[5] *Revista Espírita*. Jun/1861. Correspondência.

[6] Cf. *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. FEB, 5.^a ed., 1971, pp. 64 e 66.

[7] *O Que é o Espiritismo*, 99.

[8] *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Introdução, II.

[9] *A Gênese*. Introdução. F.E.B. Guillon Ribeiro.

[10] *O Que é o Espiritismo*, 50.

[11] *A Gênese*. I, 57.

[12] *A Gênese*. I, 60

Capítulo 6:

A LIGA DO ENSINO

No que respeita à Liga do Ensino do Sr. Jean Macé, afirmou Kardec ter guardado silêncio a propósito para “não prejudicar a questão e a cada um deixar a mais inteira liberdade”. Instado a manifestar o motivo de sua “abstenção pessoal”, o mestre asseverou: “[...] não temos razão de o calar; e, desde que desejam conhecê-lo, di-lo-emos francamente”.^[1] O objetivo da Liga era “fazer instrução pura e simples, fora de qualquer preocupação de seita e de partido”. Mas Kardec houve por bem concluir: “Associamo-nos de boa vontade à ideia matriz, mas não ao seu modo de execução”.^[2]

Após analisar a proposta, o mestre entendeu que a Liga não oferecia “nenhum programa definido, nenhum plano traçado, nenhum objetivo preciso”,^[3] e afirmou: “Do vago que reina na economia do projeto, resulta que, subscrevendo-o, ninguém sabe a que nem porque se empenha”.^[4]

Apesar do relativo êxito que a Liga, aperfeiçoada pela experiência, alcançou posteriormente, que espírita sério poderia condenar as justas razões da abstenção de Kardec ao início; aliás, confessada pessoal? Que tem um assunto deste jaez a ver com a exatidão do controle do ensino dos espíritos? Este tipo de ironia: “Pode-se ter um *criterium* universal e não se saber tudo, nem tudo prever”,^[5] aplicada assim, de modo totalmente descabido, a assunto temporal, poderia vir de partidários do Espiritismo, leais à nossa Causa e amigos de Kardec?

O que se constata é a total incompatibilidade da “escola” divinatória de Roustaing com o Espiritismo, o erro fragoroso que é propagar-lhe o ensino deturpador, quiçá discriminar-lhe distinção regimental, a exemplo do que ainda ocorre à F.E.B. no parágrafo único do art. 1.º de seu estatuto.^[6]

- [1] *Revista Espírita*. Mar/1867. A Liga do Ensino. Edicel.
- [2] *Revista Espírita*. Abr/1867. A Liga do Ensino [2.º Artigo]. Reflexões Sobre as Cartas Precedentes. Edicel.
- [3] *Revista Espírita*. Mar/1867. A Liga do Ensino. Edicel.
- [4] *Revista Espírita*. Abr/1867. A Liga do Ensino [2.º Artigo]. Reflexões Sobre as Cartas Precedentes. Edicel.
- [5] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 48.
- [6] Cf. Introdução.

Capítulo 7:

O RUSTENISMO E A INFALIBILIDADE BÍBLICA

Roustaing e seus discípulos ainda não haviam chegado à Era da Razão, porque se mostraram por demais entusiastas de teorias mirabolantes, vertidas na linguagem prolixa de espíritos enganadores, que só fizeram lançá-los às vagas místicas dos tempos mágicos da antiga Era Mitológica.

Eles julgavam que textos bíblicos, como os versículos da revelação do anjo a Maria e depois a José, por exemplo, “não podem e não devem ser recusados”.^[1] E por esta pseudorração, para eles, “o que de Maria nasceu se formou por obra do Espírito Santo”; entendiam que a concepção, a gravidez e o parto “não podiam ser e não foram reais”, mas “apenas aparentes”, porque, “se reais tivessem sido, estaríamos em presença de um fato contrário às leis naturais que presidem à geração dos corpos no seio da humanidade terrena”.^[2]

Bem se vê a opção do misticismo roustainguista: desumanizar o Cristo, “coisificar” Jesus (“o que” de Maria nasceu). Roustaing e seus discípulos, pois, rejeitaram a ordem natural biológica, criada por Deus e atestada pela Ciência, em favor da infalibilidade das Escrituras, dogma humano. Não surpreende que tenham a concepção delirante de que, até que se verifique a chegada de um certo “Espírito Regenerador”, bem como sua influência sobre o Papa, os médiuns “obterão somente fatos isolados, estranhos à ordem comum dos fatos”.^[3]

Ao oposto da racionalidade do Espiritismo, a “escola” de Roustaing acredita que, por estar escrito na Bíblia, um texto possui valor de dogma, abrigando necessariamente um suposto significado espiritual. Seria o caso das palavras bíblicas que dizem não ter Jesus pai, ou mãe, ou mesmo genealogia.^[4] Evidentemente, foram escritas numa preocupação com a tese do pecado original. Como subtrair Jesus a uma tal maldição? Negar-lhe a genealogia, a natureza biológica.

Acreditando que se empenhava em autenticar o texto evangélico, Roustaing afirmou que a influência “magneto-espírita” produziu “ilusão completa na mulher virgem e em todos os que testemunharam o fato”, ou seja, que “a concepção, a gravidez, o

parto podem ser imitados”.^[5] O magnetizador, segundo ele, foi o próprio Jesus, que “se serviu da faculdade mediúnica da Virgem Maria para, fluidicamente, simular nela a gravidez”; e esta ideia absurda foi justificada — pasmem — pela necessidade de o Messias vir ao planeta Terra “respeitando as tradições e os preconceitos da nação judaica”.^[6]

Então, diziam Roustaing e seus discípulos que “Jesus Cristo não foi um homem carnal, revestido de um corpo material humano, qual o do homem terreno, sujeito como este à morte; não, ele não morreu efetivamente no Gólgota”.^[7]

Ensinavam estas excrescências e depois acusavam Kardec e os espíritas de ser-lhes “indispensável um Jesus sangrento, choroso, gemebundo, andrajoso e ofegante”; invertendo a ordem natural, a “escola” de Roustaing afiançava que “há dois mil anos o populacho e os crentes tudo sacrificam para gozar desse espetáculo fictício e legendário, mas que para um e outros é real”; e decretava que “o Cristo, natureza superior, não podia sofrer segundo o nosso modo de entender material e terra a terra, eis o que, daqui por diante, devemos aceitar como verdade”. ^[8]

Herdeiros do melhor do Iluminismo, acostumados à análise crítica e ao raciocínio lógico-naturalista de Allan Kardec e de seus elevados Protetores, os espíritas deveriam preferir, segundo os rustenistas, a impostura à verdade; deveriam considerar como realidade histórica a mal-acabada reedição de um simples mito delirante concebido por longínqua seita gnóstica.

Aliás, risível é que se diga no opúsculo rustenista que “a tradição mais bela e generosa é a que nos legaram os grandes missionários da humanidade, sacrificando suas vidas”,^[9] pois o rustenismo nega o sacrifício do maior de todos estes missionários ao dizer que Jesus “não morreu efetivamente”; que, neste sentido, tudo não passou de “um espetáculo fictício e legendário”, destinado a entreter “o populacho e os crentes”. Tática semelhante à do ladrão astuto que grita: “Pega ladrão!”.

[1] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 58.

[2] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 59.

[3] *Os Quatro Evangelhos*. Vol. III, n. 196. F.E.B., 5.^a ed., 1971, pp. 65-66.

[4] *Hebreus* 7:3.

[5] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 55.

[6] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 61.

[7] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 59.

[8] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 68.

[9] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 76.

Capítulo 8:

JESUS NÃO ERA UM AGÊNERE

Roustaing e seus discípulos se apoderaram de resultados de pesquisas inglesas e alemães, assim como das palavras atribuídas ao apóstolo Paulo em *Hebreus* 7:3, para ajustá-los à “hipótese espiritualista” do Jesus fluídico.[1] Propagavam a inverdade de que os resultados de tais pesquisas teriam causado a Kardec “fundas decepções se vivera bastante para ver provado por R. Wallace, Hare, Varley, Crookes, Webert, Zöllner, etc., que um Espírito, sem ser um agêner, pode tomar um corpo fluídico, concretizado, tangível, e no qual se observam a circulação do sangue e todas as aparências da vida”. [2]

Em absoluta desfaçatez, diziam que Kardec e “seus adeptos” alimentavam “um santo horror” às manifestações físicas, e que o mestre “pretendia que o corpo de um Espírito não podia ser senão uma aparência fluídica e que a nossa mão nenhuma resistência experimentaria tocando a aparição”. [3]

Não leram, decerto, o item 125 de *O Livro dos Médiuns*, no qual Kardec afirmou que o fenômeno dos agêneres “é uma variedade de aparições *tangíveis*”. (Grifo meu.) Logo, pode ser tocada. No seu artigo “Os Agêneres”, publicado na *Revista Espírita* de fevereiro de 1859, o mestre explicou com clareza meridiana:

Se um Espírito tem o poder de tornar visível e palpável uma parte qualquer de seu corpo etéreo, não há razão para que não o possa fazer com os outros órgãos. [...] Se, para certos espíritos, é limitada a duração da aparência corporal, podemos dizer que, em princípio, ela é variável, podendo persistir mais ou menos tempo; pode produzir-se a qualquer tempo e a toda hora. Um Espírito cujo corpo fosse assim visível e palpável teria, para nós, toda a aparência de um ser humano; poderia conversar conosco e sentar-se em nosso lar qual se fora uma pessoa qualquer, pois o tomaríamos como um de nossos semelhantes. [...]

Como, para nos entendermos, precisamos dar um nome para cada coisa, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas os chama *agêneres*, assim indicando que sua origem não é o resultado de uma geração.

Ante o exposto, o que Roustaing teria querido dizer ao afirmar “que um Espírito, sem ser um agêneres, pode tomar um corpo fluídico”? Em quê, afinal de contas, a teoria basilar da sua revelação difere da dos agêneres? Na duração? Mas o Codificador afirmou que, “em princípio”, a duração do fenômeno pode persistir “mais ou menos tempo”. Em sua crítica a esta tese do corpo fluídico tangível de Jesus, Kardec afixou ainda: “Sem dúvida nada há nisso de materialmente impossível para quem quer que conheça as propriedades do invólucro perispiritual”.^[4]

Demais, em relação a esta nuance exclusivamente fenomênica, bem como no que se refere unicamente à interpretação das máximas morais do Cristo, é que Kardec disse, no princípio de seu artigo (de junho de 1866), não estar a obra de Roustaing, “em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*”. Importa-me ressaltá-lo, porque estas palavras foram e são mais de uma vez deturpadas pela propaganda rustenista, que lhes atribui uma extensão que não possuem. Kardec foi bem explícito:

Dissemos que o livro do Sr. Roustaing não se afasta dos princípios de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Nossas observações assentam sobre a aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que ele dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico. (Grifos meus.)

Apenas quanto “à interpretação de certos fatos” é que a tese de que o corpo de Jesus era fluídico não se afasta dos princípios exarados em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns*; afinal, agêneres ocorrem. No que disse, Kardec focalizou, portanto, apenas e tão somente o viés fenomênico. Todavia, a tese rustenista se afasta, sim, e muito, de *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* no que respeita à sua motivação. Segundo ela, “Jesus era demasiadamente puro para vestir a libré do culpado; sua natureza espiritual era incompatível com a encarnação material”.^[5]

Assim, o Cristo haveria tomado um corpo fluídico concretizado porque teria sofrido processo diferenciado de evolução. A encarnação humana seria exclusivamente um castigo

resultante de uma queda, de verdadeira involução do Espírito. Jesus, pois, não se teria manifestado num corpo fluídico porque assim o quis, mas porque lhe era impossível encarnar num corpo normal, porquanto este se destinaria apenas a espíritos falidos. Logo, no Jesus de Roustaing, o princípio do corpo fluídico justificasse-se pelo da degradação de certos espíritos, reedição do mito da queda angélica.

Kardec, por outro lado, deixou clara sua rejeição à tese rustenista por ser inviável moralmente, em função de preconizar um Jesus de aparência, a produzir ilusões aos olhos humanos e que não hesitou sequer em simular a gravidez em sua própria mãe. Em razão disto, desde sua crítica de junho de 1866, o Codificador manifestou-se contrariamente a esta ideia; “em nossa opinião”, disse ele, “em nossa opinião, os fatos podem perfeitamente ser explicados sem sair das condições da humanidade corporal”.

Em 1868, no cap. XV, n. 66, de seu último livro, o mestre estabeleceu a posição espírita sobre o corpo de Jesus. E não estava mais apoiado apenas em sua opinião, e sim na “sanção do controle universal”. Já havia “recolhido documentos bastante numerosos nos ensinamentos dados de todos os lados pelos espíritos, a fim de poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar de acordo com a maioria”, como prometera no artigo de análise dos volumes rustenistas, quase dois anos antes.

Em sua crítica de junho de 1866, o Codificador dissera que iria esperar os “numerosos comentários” que a tese de *Os Quatro Evangelhos* não deixaria de “provocar da parte dos espíritos”. Como à época o movimento espírita não era paroquiano e não havia censura acerca de assuntos polêmicos, os “numerosos comentários da parte dos espíritos” não de ter ocorrido sem muita demora e as “objeções sérias” que, segundo Kardec, já em 1866, tinham sido feitas à tese roustanguista foram, por certo, confirmadas. Roustaing mesmo nos leva a este entendimento, por meio de sua ironia sarcástica, mas patética, contida nesta declaração estapafúrdia:

Na França, em geral, pouco se lê. Os espíritas, habituados, na sua maioria, a aceitar tudo, disseram: O *chefe*, o *mestre* certamente aplicou a sua contraprova universal aos três volumes de J.-B. Roustaing; não podemos, por conseguinte, comprar nem ler uma obra inútil.[6]

Possível também é inferir-se disto que até aqueles dissidentes declarados não duvidaram de que Kardec houvesse

aplicado seu *criterium* à pretensa *Revelação da Revelação*; tanto que a crítica, por um breve momento, só incidiu sobre a sua suposta “carência de exatidão”; disseram que o emprego que Kardec fazia de seu método era “prudente e judicioso”, embora não fosse o mestre por ele “esclarecido de um modo seguro”.^[7] Oras! Acaso J.-B. Roustaing obteve sua *Revelação* de forma mais confiável, ao acatar o que por uma única médium foi transmitido? Aliás, não se há procedido deste jeito absolutamente temerário? Presentemente, não se aceita tudo com base apenas na “alta” confiabilidade de alguns poucos médiuns?

Nas páginas que foram suprimidas, do prefácio de *Os Quatro Evangelhos* de 1920, se encontra, pois, a prova de que a universalidade do ensino dos espíritos repeliu, sim, logo em seu nascedouro, as teses rustenistas. É o que se pretende negar hoje mediante o fabrico mal-acabado de uma pseudouniversalidade para estes conceitos, na qual uma quantidade ínfima de médiuns, que se encontram sob idêntica influência institucional, recebe confirmações às fantasias rustenistas.

Em *A Gênese*, XV, 66, não se trata mais, portanto, da opinião do Codificador sobre a natureza do corpo de Jesus, mas da concordância universal do ensino dos espíritos a rejeitá-la em sua versão fluídica; donde o mestre estabelecer inapelavelmente sobre este sistema neodocetista:

[...] tudo, até ao último brado, no momento de entregar o seu espírito, não teria passado de um vão simulacro, para enganar quanto à sua natureza e fazer crer no sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um simples homem honesto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra: Jesus teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Essas são as consequências lógicas dessa teoria, consequências que não são admissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em lugar de o elevarem. Assim, Jesus teve, como todos nós, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é comprovado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que assinalaram a sua existência.

- [1] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 61.
- [2] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, pp. 48 e 49.
- [3] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 48.
- [4] Cf. *Revista Espírita*. Jun/1866. Os Evangelhos Explicados.
- [5] *Os Quatro Evangelhos*. Vol. I, n. 14.
- [6] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 47.
- [7] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 47. Cf. Cap. 5: Os Critérios Kardecianos.

Capítulo 9:

TRADUTOR, TRAIADOR

Fiel à sua condição estatutária de integrante da “escola” rustenista e demonstrando concordar com o opúsculo *Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing — Resposta a seus Críticos e a seus Adversários* (1883), a Federação Espírita Brasileira ousou contrariar o Codificador neste ponto de *A Gênese*: cap. XV, n. 66. Fez registrar em nota de rodapé à tradução de G. Ribeiro os seguintes dizeres, ainda dados a público em novas edições:

(1) Nota da Editora: Diante das comunicações e dos fenômenos surgidos após a partida de Kardec, concluiu-se que não houve realmente vão simulacro, como igualmente não houve simulacro de Jesus, após a sua morte, ao pronunciar as palavras que foram registradas por Lucas (24:39): — “Sou eu mesmo, apalpai-me e vede, porque um Espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho.”

Os inimigos de Kardec sempre insistem em que logo após a sua morte algo de revolucionário apareceu em termos de fenômenos e de comunicações mediúnicas. Todavia, para qualquer estudioso da codificação kardeciana e, sobretudo, do vasto acervo enfiado nos tomos da *Revista Espírita*, isto não é uma verdade absoluta.

A F.E.B. não hesitou em usar o seu parque editorial para contestar o pensamento de Kardec, e sucessivas diretorias não dão aval a este acinte, pois, como já disse, a contestação há sido reeditada. O texto consignado em *Lucas 24:39* não há de ser fiel. Em nada se assemelha aos demais relatos da ressurreição de Jesus. Mesmo assim, a F.E.B. o ressalta para repreender Kardec. Trata-se da antilógica rustenista de que as *Escrituras* seriam infalíveis. Sob este império, os adeptos de Roustaing rejeitaram também, ainda no século 19, a tese dos espíritas para explicar o desaparecimento do corpo físico de Jesus no sepulcro:

O corpo de Jesus era um corpo terrestre qual os nossos e, como tal, produzido pelo concurso dos dois sexos; os anjos ou

espíritos superiores, tornando-o invisível, podiam subtraí-lo e o subtraíram do sepulcro no momento preciso em que, despedaçados os selos que lhe tinham sido apostos, a pedra que o fechava fora atirada para o lado.[1]

O fato, entretanto, é que esta hipótese decorre do verdadeiro n. 67 do cap. XV de *A Gênese*. Kardec, ali, falou de fenômenos de transporte e de invisibilidade. E quando recomenda, já em 1869, a leitura deste seu livro para contra-argumentar a tese do corpo fluídico de Jesus, diz claramente no seu *Catálogo Racional das Obras para se Fundar uma Biblioteca Espírita*: “Sobre essa teoria, vide *A Gênese* segundo o Espiritismo, capítulo XV, ns. 64 a 68”. [2] Kardec menciona, portanto, para o capítulo XV de sua obra, a existência dos números 64 a 68. Por que a quase totalidade das traduções registra apenas os ns. 64 a 67? Curiosamente, a nova edição febianá de *A Gênese*, [3] assinada pelo mesmo tradutor do *Catálogo* supracitado, também só inclui os ns. 64 a 67.

Em 1884, na Revista *Espiritismo*, de Gabriel Delanne, o biógrafo Henri Sausse já lançara questionamentos acerca da não coincidência de duas edições que cotejara de *A Gênese*. Leymarie disse apenas que o fato se verificou por Sausse haver-se baseado numa edição anterior à definitiva. [4] O incontestável, no exemplo aqui tomado, é que o verdadeiro n. 67 foi retirado e o n. 68, renumerado. Por isso, não creio também na explicação do antigo secretário de Kardec, A. Desliens, [5] que atribui ao próprio mestre lionês, já quinze anos após a morte deste, essas alterações cirúrgicas em *A Gênese*.

Como quer que haja sido, isto demonstra que, se não foi G. Ribeiro o mentor de tais modificações, outro decerto as fez bem antes dele. Consta que a 4.^a edição de *A Gênese* teve sua distribuição impedida pela morte repentina de Kardec em 31 de março, acabando a cargo da Livraria Espírita e das Ciências Psicológicas. Esta edição, revisada, corrigida e aumentada pelo autor, é que contém o texto definitivo. Impressa nas oficinas gráficas de Rouge Frères e Cie., foi entregue em abril de 1869. Segundo F. Barrera, “uns meses mais tarde sai à venda, sob a responsabilidade de M. A. Desliens, diretor da Revista Espírita”, de comum acordo com “M. Bittard, gerente da livraria, e M. Tailleur”. [6]

Desliens, em 1885, estava pressionado, decerto, não só por H. Sausse (1884), mas também pela ambiência de francos dissabores causados pelo cisma rustenista, declarado abertamente em 1883, na obra *Os Quatro Evangelhos de J.-B. Roustaing* —

Resposta a seus Críticos e a seus Adversários, e que abrigava as mais ferinas ofensas e desleais críticas ao fundador da filosofia espírita, a quem nunca Roustaing se dirigiu senão por escrito.

O próprio Desliens confessa ao final de seu texto que, ali, quer “eliminar da família espírita uma causa de desunião”. [7] Só não nos explica por que as alterações identificadas em *A Gênese* têm tanto em comum com o rustenismo. No que concerne ao exemplo aqui tomado, Kardec não poderia eliminar justamente a explicação a que se propôs sobre o desaparecimento do corpo de Jesus no túmulo, até porque o mestre a menciona como integrante de sua obra, ao indicar a leitura contra-argumentativa dos números 64 a 68 do cap. XV de *A Gênese*. F. Barrera, no sumário referente a este livro kardeciano, registra sem equívoco: “Desaparição do corpo de Jesus, 64-68”. [8]

Quanto à nova edição febiana desta obra (10 mil exemplares, 02/2009), por Evandro Noletto Bezerra, cujo nome estampa mesmo a primeira capa, simplesmente não se sabe que edição francesa lhe serviu de base. Nada se diz ali a este respeito. Também não registra, insisto, o verdadeiro n. 67 do cap. XV de *A Gênese*, no que só seguiu a cartilha de G. Ribeiro. Isto, porém, não é de admirar, pois E. Bezerra considera os trabalhos deste último “irrepreensíveis”, como diz na introdução da sua *Revista Espírita*. Por que então os corrigiu nisto que naquilo? Qual dos dois é mais irrepreensível?

A edição comemorativa dos 150 anos de *O Livro dos Espíritos*, aliás, no seu índice geral, consegue até relacionar a palavra “colônia”, inexistente na obra; remete, porém, o leitor aos ns. 234 a 236, que disto em absoluto não falam, e sim de mundos, sem vida física, servindo de habitação transitória a espíritos errantes. Intenta-se forçar a confirmação da existência, incerta para muitos, das “colônias espirituais”, como “Nosso Lar”, por exemplo.

O Espírito São Luís referiu-se a algo que encontra um análogo nas “colônias espirituais”. Reportou-se a “mundos intermediários”, que não se confundem com os “transitórios” aqui acima comentados, porque são, segundo o presidente espiritual da S.P.E.E., “viveiros da vida eterna”, de onde os espíritos vêm à Terra para progredirem. Por sinal, o tradutor febiano E. N. Bezerra preferiu registrar “centros de formação”, ainda que “pépinières” signifique literalmente “viveiros”. [9]

O mesmo esforço inglório se verifica no atinente à expressão “centros de força”, listada como referente ao n. 140 de *O Livro dos Espíritos*, onde Kardec só se reporta ao fluido vital repartido entre os órgãos físicos, havendo mais nos que são

“centros ou focos de movimento” [centres ou foyers du mouvement]. Onde a locução “de força”? Ora! André Luiz, por duvidosa analogia aos chacras hindus, fala de “centros de força” no perispírito, mas isto absolutamente não corresponde ao assunto em tela.

Na *Revista Espírita* de março de 1868, Instruções dos Espíritos, a consoladora exortação que um Espírito pôs nos lábios espirituais de Jesus foi alterada de “Bem-aventurados os que conhecerem *meu novo nome!*” para “Bem-aventurados os que conhecerem meu nome *de novo!*” Sempre advoguei a tese de que esse “novo nome” de Jesus é “O Espírito de Verdade”. Terá ocorrido na tradução febiana algum erro material? O fato é que “mon nouveau nom” nunca será “meu nome de novo”.

Tradutor, traidor. Já era a antiga dita latina.

Eis aqui abaixo, então, o verdadeiro n. 67 do cap. XV de *A Gênese*, desde sempre ausente das edições da F.E.B. e das demais que, em vez de traduções dos originais franceses, mais parecem ter oferecido ao rentável mercado meras versões das publicações febianas, exceção feita a esta honrosa citação:

67. A que se reduziu o corpo carnal? Este é um problema cuja solução não se pode deduzir, até nova ordem, exceto por hipóteses, pela falta de elementos suficientes para firmar uma convicção. Essa solução, aliás, é de uma importância secundária e não acrescentaria nada aos méritos do Cristo, nem aos fatos que atestam, de uma maneira bem peremptória, sua superioridade e sua missão divina. Não pode, pois, haver mais que opiniões pessoais sobre a forma como esse desaparecimento se realizou, opiniões que só teriam valor se fossem sancionadas por uma lógica rigorosa, e pelo ensino geral dos espíritos; ora, até o presente, nenhuma das que foram formuladas recebeu a sanção desse duplo controle. Se os espíritos ainda não resolveram a questão pela unanimidade dos seus ensinamentos, é porque certamente ainda não chegou o momento de fazê-lo, ou porque ainda faltam conhecimentos com a ajuda dos quais se poderá resolvê-la pessoalmente. Entretanto, se a hipótese de um roubo clandestino for afastada, poder-se-ia encontrar, por analogia, uma explicação provável na teoria do duplo fenômeno dos transportes e da invisibilidade. (*O Livro dos Médiuns*, caps. IV e V).[10]

Este número de *A Gênese* consta igualmente de sua primeira edição, como pode ser verificado em fotocópia do original, disponível na internet.[11]

Nada disto, porém, inocenta Guillon Ribeiro, porquanto ousou, sim, em função do rustenismo, suas próprias alterações à obra de Kardec.

1 - Registrou, em *A Gênese*, I, 56, que os ensinamentos espíritas “completam as noções vagas que SE tinham da alma”, pois, como rustenista, era bibliólata, e lhe pareceu errada e injusta a expressão original de Kardec, que não tinha os mesmos pruridos, afinal, as noções dadas por Jesus sobre a alma foram vagas mesmo, em função de não poderem ser de outra forma. O fato é que “complètement les notions vagues qu'IL avait données de l'âme” jamais poderá ser traduzido de forma indeterminada.

[“ELE”, e não “SE”.]

2 - Chamou Jesus de “Senhor” e “Salvador” pelo mesmo motivo acima aduzido, distorcendo a postura kardeciana nos textos de *A Gênese* XV, 61; em XVII, 37, e no n. 671 de *O Livro dos Espíritos*. Eu não confiaria tanto num tradutor que registra “voyaient JÉSUS et le touchaient” como “viam o SENHOR e o tocavam”... “le sens de SES paroles” como “o sentido das palavras DO SENHOR”... ou “SA doctrine” como “doutrina DO SALVADOR”...

[“Jesus”, e não “Senhor”; “suas palavras”, e não “as palavras do Senhor”; “sua doutrina”, e não “a doutrina do Salvador”.]

3 - Acrescentou a inexistente palavra “moral” à expressão “absoluta perfeição”, no item VI da Introdução de *O Livro dos Espíritos*, porquanto o rustenismo assegura que só a absoluta perfeição moral pode ser atingida, não ocorrendo o mesmo, segundo ele, com a perfeição intelectual. G. Ribeiro quis, portanto, corrigir Kardec. A nova tradução de Evandro Bezerra acertou isso, apesar de este dizer, na Introdução da Revista Espírita, que o trabalho de Guillon é irrepreensível.

[la perfection absolue: “a perfeição absoluta”, e não “a absoluta perfeição MORAL”.]

4 - Registrou que o arcanjo começou “por ser átomo”, e não “pelo átomo”, no n. 540 de *O Livro dos Espíritos*, para acomodar o texto à noção monista substancial da queda angélica, de P. Ubaldi, do qual G. Ribeiro foi tradutor e adepto entusiasta. Ora! Se digo que o arcanjo começou PELO átomo, sou dualista. O arcanjo, princípio inteligente, é espírito, e o átomo é matéria. Se

digo que o arcanjo começou por SER átomo, sou monista substancialista, e creio que o arcanjo, o princípio inteligente, congelou-se no evento da queda, e passou a ser o próprio átomo, a própria matéria mais não seria, assim, que o espírito condensado pela queda. Alguns ubaldistas modernos já citam essa tradução tendenciosa de Guillon para fundamentar o ubaldismo e suas teses como compatíveis com o Espiritismo. De mais a mais, por que traduzir “par l’atome” como “por ser átomo”?

[“começou PELO átomo”, e não “começou por SER átomo”.]

5 - Em O Evang. Seg. o Espiritismo, XX, 5, a informação precisa de que “CHEGASTES ao tempo” se tornou em “APROXIMA-SE o tempo” porque o rustenismo defende o “final de ciclo” por catástrofes anunciadoras da volta de Cristo. Como “nada” assim tinha ocorrido, Ribeiro quis corrigir agora o Espírito de Verdade. “Vous touchez au temps” jamais poderá ser traduzido por “Aproxima-se o tempo”.

[“atingistes, ou chegastes ao tempo”, e não “Aproxima-se o tempo”.]

Mas não falemos apenas dos livros com chancela da “Casa-Máter”. Também houve modificações na tradução adotada pelo I.D.E. para um texto da *Revista Espírita* de abril de 1869, no qual Kardec, na verdade, diz que “a alma humana, emanção divina, traz em si o germe ou princípio do bem [...]”.^[12] Contudo, o Sr. Salvador Gentile se arrogou a condição de mais douto em matéria de Espiritismo do que o Codificador da doutrina e acresceu ao original três palavras, transformando a sábia instrução do mestre nesta aberração filosófica: “A alma humana, emanção divina, leva nela o germe ou princípio do bem e *do mal* [...]”. (Grifo meu.)

Eis o francês: “L’âme humaine, émanation divine, porte en elle le germe ou principe du bien qui est son but final”. Ante o pensamento completo de Kardec, não há dúvidas: “A alma humana, emanção divina, traz em si o germe ou princípio do bem, que é o seu objetivo final”. Como poderia o mal ser objetivo final da alma, sendo esta proveniente de Deus?

De tudo isto, resta o aparente bem de os originais franceses se encontrarem disponíveis em meios de acesso digital pela internet a fora e, pasmem, a F.E.B. e o I.D.E. contribuíram para tanto. Mas estejamos atentos, pois esses “originais” não constituem

imagens das edições francesas, e sim digitalizações, o que pode ensejar erro material ou até manipulação.[13]

[1] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 66.

[2] *O Espiritismo na sua expressão mais simples e outros opúsculos de Kardec*. F.E.B., Evandro Noleto Bezerra.

[3] 10 mil exemplares, 02/2009.

[4] Cf. BARRERA, F. *Resumo Analítico das Obras de Allan Kardec*. São Paulo: U.S.E./Madrás, 2003, p. 81.

[5] *Revista Espírita*, 1885, 15 de março, n.º 6, ano 28.º, pp. 169-171.

[6] Cf. *Resumo Analítico das Obras de Allan Kardec*. São Paulo: U.S.E./Madrás, 2003, p. 80.

[7] *Revista Espírita*, 1885, 15 de março, n.º 6, ano 28.º, p. 171.

[8] *Resumo Analítico das Obras de Allan Kardec*. São Paulo: U.S.E./Madrás, 2003, p. 92.

[9] Cf. *Revista Espírita*. Julho/1862. Hereditariedade Moral. ALEIXO. *Ensaio da Hora Extrema*. Sobre André Luiz. 2.1 Aspectos Terrenais do Além-Túmulo. http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com/2010_09_02_archive.html.)

[10] Rio de Janeiro, Léon Denis - Gráfica e Editora, 2.ª ed., março de 2008, 1.ª tiragem, do 1.º ao 3.º milheiro. Do original francês: LA GENÈSE. *Les Miracles et Les Prédications Selon Le Spiritisme*. Quatrième Édition, 1868.

[11] http://books.google.com/books?id=ehc-AAAACAAJ&dq=kardec+miracles+et+les+Productions&lr=&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s

[12] EDICEL. Vol. XII. p. 102-103. Trad.: Júlio Abreu Filho.

[13] Meus cumprimentos, aqui formalmente consignados, aos bons amigos Caio Cardinot, Lair Amaro Faria, Rodrigo Luz, Tiago de Lima Castro, Luciano Ferreira e Sílvia R. O. por valiosas contribuições ao corpo de informes deste capítulo.

Capítulo 10:

O DOGMA DA ENCARNAÇÃO PELO ESPÍRITO

Roustaing queria tanto ser lembrado que sofismou ante o insofismável. Por pura pretensão à singularidade, chegou a negar a evidente condição de agênera ao seu Jesus de “corpo fluídico concretizado”.^[1] É isto apenas demonstra o fato de os rustenistas serem tão confusos que não se entendem mesmo entre si.

Faz prova desta realidade o Sr. Ismael G. Braga, em *Elos Doutrinários*. Diz ali que “quem nega que Jesus tenha sido um agênera nega também a codificação kardeciana, não é espírita”. Então, Roustaing e seus discípulos também estão inclusos neste anátema, ou seja, não são espíritas, pois negaram que Jesus tenha sido um agênera, ao preferir a ginástica verbal de que estava “encarnado pelo espírito”, numa “encarnação ou incorporação fluídica”.^[2]

Aliás, trata-se, aqui, de mais um plágio rustenista que resultou em desfiguração de outro ensino espírita, contido nas páginas imortais da *Revista* de Kardec: “Para os espíritos superiores não há mais encarnação material e, conseqüentemente, não há procriação, pois esta se dá pelo corpo e não pelo Espírito”.^[3] Disse-o Kardec, porém, no que respeita à vida desses espíritos nos mundos mais adiantados, não a propósito de sua eventual estada entre nós, quando, por missão, tomam corpos iguais aos nossos.^[4]

O fato é que Roustaing tentou dissimular a paridade da sua *Revelação* com o docetismo, do verbo grego *dokéo*: “parecer”.^[5] Entretanto, ele e seus reveladores é que diziam sobre Jesus que, “para aparecer na terra, era-lhe necessário revestir um corpo de modo a produzir ilusão aos olhos dos homens”.^[6] O próprio Gomes Braga, ao demais, assegura em seu livro, p. 148, 3.^a ed., F.E.B.: “Sim, confirmamos, a obra de

Roustaing ressuscitou o pensamento fundamental do Docetismo — o corpo fluídico de Jesus”.

Talvez se devesse falar em “neodocetismo”. Esta palavra melhor satisfaria à vaidade de Roustaing e seus discípulos, como faz certo esta ilação: “O movimento é a lei inelutável do progresso. Ficar estacionário é votar-se ao esquecimento e não deixar de si o mais ligeiro traço”.^[7] É o que se pode inferir também do que citaram de Michelet:

Um credo se torna uma barreira intransponível, se formulado pela infalibilidade. Tem então vida relativamente curta e não é comumente aceito senão por uma categoria de indivíduos votados à morte, enquanto que a humanidade avança e o perde de vista.^[8]

Preocupados estavam, pois, em deixar de si traços à posteridade. Como isto viria a ser possível, todavia, se tudo lhes parecia chancelar a grandeza de Kardec e seu triunfo perene ao lado do Espírito de Verdade? Só lhes restava exortar em falso: “Não nos criemos semelhantes barreiras, ó espíritas, irmãos nossos; caminhemos para diante como homens livres”.^[9] Mal sabiam, entretanto, que, ao quererem libertar-se de Kardec, só passariam à história representando o triste papel dos que, primeiramente, tentaram em vão arranhar o imponente monumento à verdade maior do Mestre dos mestres.

O que as pesquisas inglesas e alemães comprovaram foi a existência de agêneres, ou seja, de seres que, mesmo sem ser gerados, podem apresentar-se como se da vitalidade dos encarnados partilhassem. Contudo, não são mais que espíritos desencarnados, cujo perispírito, excepcionalmente, pode-se tornar integralmente tangível, possibilitando, sim, nas palavras de Roustaing, “todas as aparências da vida”.^[10]

Entretanto, apesar de todas as semelhanças com a carne, o corpo fluídico concretizado não se destina a efetiva permanência em nossa biosfera. Tais pesquisas apenas constituíram mais provas do poder que tem o Espírito de gerenciar os elementos vitais. Nada além disto. Que fizeram então Roustaing, seus reveladores e discípulos? Recorreram a outro sofisma, um estranho dogma de sua “escola”, produto de mera jogatina de palavras mal tomadas à *Revista Espírita*.

Enquanto L. Denis e G. Delanne comentaram os resultados das pesquisas posteriores à morte de Kardec de maneira favorável à obra de seu mestre, apresentando os resultados a título

de simples corroboração dos volumes kardecianos, Roustaing e seus discípulos se apoderaram destes dados para intentar uma depreciação dos alcances da codificação espírita.

[1] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, pp. 45 e 49.

[2] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, pp. 52 e 55.

[3] *Revista Espírita*. Jul/1862. Ensinos e Dissertações Espíritas. União Simpática das Almas. Observação.

[4] Kardec diz sobre a encarnação de Superiores: “Quando, por exceção, se **encarnam** na Terra, é para cumprir uma missão de progresso e então nos oferecem o tipo de perfeição a que a humanidade pode aspirar neste mundo”. (*O Livro dos Espíritos*, 111.) E assegura sobre a encarnação de Puros: “[...] os espíritos **da** ordem mais elevada [des Esprits **de l’ordre le plus élevé**] podem manifestar-se aos habitantes da Terra ou **encarnar** em missão entre estes”. (*A Gênese*, XIV, 9.) Cf. ALEIXO. *Ensaio da Hora Extrema*. Resumo Expositivo Sobre os Puros Espíritos. <http://ensaioedahoraextrema.blogspot.com/2010/05/resumo-expositivo-sobre-os-puros.html>

[5] Cf. PASTORINO. *Sabedoria do Evangelho*. Vol. 3. Jesus Anda Sobre a Água.

[6] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 63.

[7] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 76.

[8] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 74.

[9] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 74.

[10] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. F.E.B., 1920, p. 49.

Capítulo 11:

O KARDEC ARREPENDIDO DA F.E.B.

O que dizer da publicação da mensagem apócrifa recebida por Hernani T. Sant'Anna, no Grupo Ismael, da Federação Espírita Brasileira, em 14 de junho de 1979? Como puderam cometer o acinte de apresentá-la? Quem deixa de se indignar ante aquele Kardec arrependido, à beira da angústia, sancionando o expansionismo rustenista da F.E.B. em completo detrimento do seu próprio trabalho? O tal Kardec chega a afirmar que “se trata agora de nova e verdadeira entrega do Paracleto a todos os povos da Terra”.

Incrível! Uma nova e, desta vez, verdadeira entrega do Paracleto. E a codificação kardeciana? Um falso Consolador decerto. Daí, segundo ainda o tal Kardec em ato de contrição, a necessidade — pasmem — de “que tudo fosse revisto e consolidado; aplainadas, com todo o cuidado, arestas e asperezas; corrigidas algumas omissões; podados certos excessos de interveniência humana; esclarecidas determinadas dúvidas de interpretação”.^[1]

Lamentavelmente, fatos assim não são raros, haja vista as “instruções de Allan Kardec aos espíritas do Brasil”, do livro *A Prece*, felizmente, não mais republicadas; as supostas comunicações de Kardec no “Cenáculo” da F.E.B. em Brasília, e quejandos. É de se sentir saudades da visão otimista do notável Ernesto Bozzano, em carta a Rango D’Aragona, de 18 de fevereiro de 1939:

Voltando à figura do Cristo, que aí [no Brasil] querem rebaixar às fantasias de um desconhecido como J.-B. Roustaing, se você leu minha mensagem ao Congresso Espiritualista de Barcelona, constatará novamente o meu pensamento. O maior profeta de Deus, ou o maior iniciado, como se queira chamá-lo, ele ficará como luz e guia do nosso planeta. [...] O caso de J.-B. Roustaing, sob o título absoluto de *Revelação da Revelação*, é um fato dogmático, feliz e universalmente liquidado.^[2]

[1] Cf. WANTUIL & THIESEN. *Allan Kardec. Meticulosa Pesquisa Bibliográfica. Volume III. Apêndice. Item XXV. SANT'ANNA, Correio Entre Dois Mundos. Mensagem.*

[2] PIRES. *O Verbo e a Carne. Erros Doutrinários. V.*

Capítulo 12:

O KARDEC VERDADEIRO DE CAIRBAR SCHUTEL

Embora o Codificador do Espiritismo não fosse pessoalmente infalível, soube proceder sem erros em sua missão. Encarregado por Deus de “restabelecer todas as coisas, isto é, segundo o verdadeiro pensamento de Jesus”, quem poderá contestar que Kardec o tenha feito de modo irrepreensível?[1] Jesus é um Espírito puro que se tornou homem de carne e osso, sangue e água; e nasceu, viveu e, sim, efetivamente, morreu, para constituir-se nosso único guia e modelo; foi um Espírito encarnado e agora o é desencarnado, mas tem um “novo nome”: L'ESPRIT DE VÉRITÉ.[2]

Já é hora de o movimento espírita acordar do sono letárgico da salvação pessoal, de cunho egoístico, igrejeiro, e retomar seus legítimos rumos, certo de que a justiça maior se compadecerá dos “guias cegos” e dos que se põem com eles no rumo de tão profundos abismos. Irão arrepender-se de futuro e serão readmitidos no serviço do Cristo. Em tudo, porém, já terão aprendido a se conservar fiéis àquele que foi consagrado como “amigo do noivo”. (*João 3:29.*) Sim, entendo que tinha razão Cairbar Schutel: Elias, João Batista e Allan Kardec, “os três são um mesmo Espírito”. [3]

Moisés, ao contrário do que preconizaram os guias de Roustaing, não se reencarnou posteriormente nas figuras de Elias e João Batista. Estes últimos são uma só individualidade imortal; Moisés, contudo, é outra, e não estava no monte em que Jesus se transfigurou por obra da dissimulação de um Espírito de mesma elevação, que tomara sua “figura”, sua “aparência”, como ensinaram os instrutores rustenistas.[4] Ele próprio, Moisés, se fez visível, assim como presente estava Elias, que, segundo Jesus, viria uma vez mais, para restabelecer todas as coisas, a meu ver, justamente na figura de Kardec.[5]

[1] Cf. A *Gênese*. I, 26; XVII, 37 e 65.

[2] Cf. ALEIXO. *O Espírito das Revelações* (Lachâtre, 2001) e *Meu Novo Nome* (C.E.L.D., 2003, esgotado). *Ensaio da Hora Extrema*. Resumo Expositivo Sobre os Puros Espíritos. <http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com/2010/05/resumo-expositivo-sobre-os-puros.html>.

[3] *Parábolas e Ensinos de Jesus*. O Maior Profeta. *Homenagem a Allan Kardec*. O Clarim, out/1926.

[4] *Os Quatro Evangelhos*. Vol. II, n. 195, p. 497-498. Cf. Cap. 14: Estranhezas do Ensino Rustenista.

[5] Cf. ALEIXO. *Reencarnação. Lei da Bíblia, Lei do Evangelho, Lei de Deus*. Cap. 20. Elias, João Batista e Allan Kardec. (Lachâtre, 1999, esgotado).

Capítulo 13:

O RUSTENISMO NAS OBRAS DE CHICO XAVIER

O rustenismo é deturpação perigosa, porque se alastra sorrateiro, não em suas obras principais, mas mediante livros psicografados por Chico Xavier. Conforme prevê o assim chamado “Pacto Áureo” (05/10/1949), “cabe aos espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo”. Pois bem! Isto passou ao art. 63 do estatuto da Casa-Máter do rustenismo no mundo, que registra:

O Conselho [Federativo Nacional da F.E.B.] fará sentir a todas as sociedades espíritas do Brasil que lhes cabe pôr em prática a exposição contida no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de Francisco Cândido Xavier.

Curioso que o substrato dessa obra tenha surgido anos antes, em estranha conferência de Leopoldo Machado na F.E.B., de título *Brasil, Berço da Humanidade, Pátria dos Evangelhos*.^[1] De qualquer forma, entre outras piadas de além-túmulo, no capítulo I, “a amargura divina” de Jesus “empolga” toda uma “formosa assembleia de querubins e arcanjos” e ele, “que dirige este globo”,^[2] não sabe sequer onde é o Brasil. Não bastasse isto, no cap. XXII, o confuso Roustaing emerge do estatuto da F.E.B. para ser equiparado a L. Denis e a G. Delanne, figurando adiante destes na condição de cooperador de Kardec para “o trabalho da fé”. Subsiste ainda o questionamento levantado por Julio Abreu Filho em *O Verbo e a Carne*, isto é, por que Humberto de Campos se referiu a Roustaing, Denis e Delanne em *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, de 1938 e, no livro *Crônicas de Além-Túmulo*, de 1937, reportou-se tão só a Denis e Delanne?

Em *O Consolador*, de Emmanuel, há, igualmente, certas estranhezas. Será que houve, então, uma afronta à integridade conceitual do movimento espírita, do tipo “pílula dourada”, sob a chancela do trabalho do médium de maior projeção dos últimos tempos? Foi isto à revelia dele ou, por outra, com sua anuência? Mas como provar qualquer hipótese? Da própria F.E.B., em 1942, Chico Xavier recebeu a informação de que seus originais, após publicação, eram inutilizados por aquela instituição.^[3]

A contradição seguinte parece mesmo sugerir o douramento da pílula rustenista na obra de Chico Xavier: o problema do Espírito Santo, expresso nos ns. 303 e 312 de *O Consolador*. O Espírito Santo não pode ser “a centelha do espírito divino, que se encontra no âmago de todas as criaturas” e, a um só tempo, uma “falange de espíritos”. Só a primeira resposta, à questão 303, faz sentido à luz do Evangelho e da codificação kardeciana. Já a segunda, à pergunta 312, reflete o rustenismo e, se for interpolação febiana, que ironia, porque se esmera em elucidar outra interpolação, mas bíblica.

O texto oferecido pelo interlocutor da F.E.B. (negrito abaixo), conforme parecer insuspeito do tradutor da Bíblia de Jerusalém (Paulinas, 1985), apresenta “um inciso ausente dos antigos manuscritos gregos, das antigas versões e dos melhores manuscritos da Vulgata, [...] uma glosa marginal introduzida posteriormente” em 1.^a João, cap. 5, vv. 7-8, onde se lê: “Porque há três que testemunham [**no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e esses três são um só**; há três que testemunham na terra]: o espírito, a água e o sangue, e esses três são um só”.

Portanto, o interlocutor febiano, no n. 312 de *O Consolador*, driblou a parte do texto bíblico que se refere ao testemunho de Jesus em “espírito, água e sangue”, para só se referir à glosa marginal, ensejando a Emmanuel esta interpretação da Trindade: “Pai” => Deus, “Verbo” => Jesus, e “Espírito Santo” => “legião dos espíritos redimidos e santificados que cooperam com o Divino Mestre, desde os primeiros dias da organização terrestre”. Definição tipicamente rustenista do Espírito Santo, assim como, por vezes, do Espírito da Verdade e mesmo do Consolador: “conjunto dos espíritos puros, dos espíritos superiores e dos bons espíritos”; ou “falange sagrada dos Espíritos do Senhor”.^[4]

Há, no entanto, um prefácio amistoso de Emmanuel ao livro *Vida de Jesus*, de Antonio Lima (F.E.B.) Na obra é defendida a tese do corpo meramente fluídico do Cristo. Da mesma forma em relação a *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, que menciona Roustaing ao lado de Delanne e Denis como cooperador de Kardec, e que é prefaciado por Emmanuel. Sobre *A Grande Síntese*, de P. Ubaldi, escritor que reeditou a queda angélica e a involução como pressuposto para a evolução, postulados afins do rustenismo, o jesuíta disse:

Aqui, fala a Sua Voz [de Jesus] divina e doce, austera e compassiva. [...] é o Evangelho da Ciência, renovando todas as capacidades da religião e da filosofia, reunindo-as à revelação

espiritual e restaurando o messianismo do Cristo, em todos os institutos da evolução terrestre. Curvemo-nos diante da misericórdia do Mestre e agradeçamos de coração genuflexo a sua bondade. Acerquemo-nos deste altar da esperança e da sabedoria, onde a ciência e a fé se irmanam para Deus.[5]

Ante um comunicado destes, natural é que alguns mais exaltados digam que Kardec foi superado por Ubaldi. Quanto a este pensador italiano, ao indigesto Roustaing e até ao excêntrico Ramatis, será que adeptos de suas doutrinas heterodoxas podem ter pleiteado para publicações afins o “aval” dos já cultuados instrutores de Chico Xavier, na intenção de facilitar a infiltração de tais obras no movimento espírita? E Chico? Analisava tudo? Infelizmente, não. Ele dizia que não era da sua competência entrar na apreciação sequer dos livros que psicografava, sendo um simples “animal de carga”. [6] E os espíritos que davam os “avais”? Eram mesmo os seus guias? Em caso positivo, são confiáveis?

Normal é que o estudioso se reserve o direito de duvidar, até porque a codificação kardeciana assegura que “o melhor [médium] é o que, simpatizando somente com os bons espíritos, tem sido enganado menos vezes”, assim como preconiza que, “por melhor que seja um médium, jamais é tão perfeito que não tenha um lado fraco, pelo qual possa ser atacado”. [7] Kardec já advertira também: “Pelo próprio fato de o médium não ser perfeito, espíritos levianos, embusteiros e mentirosos podem interferir em suas comunicações, alterar-lhes a pureza e induzir em erro o médium e os que a ele se dirigem”. Consignara o mestre que este é, sim, “o maior escolho do Espiritismo” e que o meio determinante para evitá-lo é o “discernimento”; e por quê? Kardec assim responde:

As boas intenções, a própria moralidade do médium nem sempre são suficientes para o preservarem da ingerência dos espíritos levianos, mentirosos ou pseudossábios, nas comunicações. Além dos defeitos de seu próprio Espírito, pode dar-lhes guarida por outras causas, das quais a principal é a fraqueza de caráter e uma confiança excessiva na invariável superioridade dos espíritos que com ele se comunicam. [8]

O problema, todavia, é mais complexo, transcende a simetria óbvia entre a F.E.B. e a obra de Roustaing. Não constitui rustenismo a doutrina das almas gêmeas, que, segundo Emmanuel, são *criadas umas para as outras* e umas às outras destinadas na

eternidade, contrariando o comentário kardeciano ao n. 303-a de *O Livro dos Espíritos*, que diz: “É necessário rejeitar esta ideia de que dois espíritos, *criados um para o outro*, devem um dia fatalmente reunir-se na eternidade”. A F.E.B. até questionou o ensino das almas gêmeas na obra *O Consolador*, ali o deixando, contudo, a pedido do próprio jesuíta.[9]

Quanto a isto, já não faz o menor sentido a hipótese de interpolação da Casa-Máter por força do rustenismo, que nunca professou a existência de almas gêmeas, assim como jamais disse, por exemplo, que Marte é mais avançado em civilização do que a Terra, ou que os exilados adâmicos vieram de um suposto orbe não purificado física e moralmente, que guarda muitas afinidades com nosso mundo e orbitaria o “magnífico sol” Capela; na verdade, segundo a astronomia, um sistema de sóis com ausência de planetas.[10]

De fato, consta que Emmanuel teria dito a Chico Xavier que deveria permanecer com Jesus e Kardec caso lhe aconselhasse algo em desacordo com as palavras de ambos.[11] Mas nenhum ensino contrário a Kardec deixou de ser publicado por essa razão. Eis o fato.[12] De mais consistente lógica e de melhor proveito à clareza analítica, portanto, é que se atribua ao próprio Emmanuel tudo aquilo que dos seus livros conste. Só Chico Xavier teve o poder de dirimir as dúvidas, mas nunca o fez, nunca levantou uma suspeita sequer sobre a F.E.B.; ao contrário, não é difícil encontrar-lhe pronunciamentos com os mais efusivos aplausos à Casa do “Anjo” Ismael, assim como ao grande J. Herculano Pires, maior opositor do rustenismo febiano. O médium sempre aparece ao lado de todos os partidos.

De tudo, restam os objetos, milhares de milhares de livros, o papel e a tinta, a confusão nas estantes, sempre bem acessível aos neófitos que chegam às casas espíritas e aos incautos leitores em busca de um Consolador que lhes dê milagrosas respostas. Só se pode julgar do que foi publicado. Eis a verdade. Cabe, pois, aos espíritas atentos a apreciação rigorosa de toda obra mediúnica, segundo os padrões de Kardec. Este deve ser o procedimento dos adeptos estudiosos, e a produção atribuída a qualquer Espírito não pode nem deve escapar a isso, seja quem for ou quem se diga ser.

Não passa de temeridade, com lamentáveis consequências já em curso, a ideia de que não se deve agir deste modo para não confundir ou chocar os simples. Na prática, isto é licitar ao Espiritismo que erros manifestos sejam arrolados à conta de patrimônio das consolações que prodigaliza a seus adeptos.

Encaminhemos os simples à segurança e pureza da fonte original do Espiritismo, à codificação kardeciana, em vez de entretê-los com equívocos que, mais tarde, os surpreenderão desprevenidos e, quem sabe, os convidarão à apostasia. O que disse Erasto a Kardec?

Deve-se eliminar sem piedade toda palavra e toda frase equívocas, conservando no ditado somente o que a lógica aprova ou o que a Doutrina já ensinou. [...] Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos antigos provérbios. Não admitais, pois, o que não for para vós de evidência inegável. Ao aparecer uma nova opinião, por menos que vos pareça duvidosa, passai-a pelo crivo da razão e da lógica. O que a razão e o bom-senso reprovam, rejeitai corajosamente. Mais vale rejeitar dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa. Com efeito, sobre essa teoria poderíeis edificar todo um sistema que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre a areia movediça.[13]

Para o movimento espírita, no entanto, isto não há passado de meras frases de efeito, inseridas em retóricas quase sempre desmentidas pelo cotidiano institucional da maior parte dos adeptos do espiritismo à moda da Casa-Máter do rustenismo. Sobre o assunto espinhoso deste capítulo, decerto que muito a propósito são as reflexões de nosso valoroso confrade Artur Felipe de A. Ferreira, em seu artigo “De Que Lado Está Emmanuel?”.[14]

[1] Cf. *Reformador*. 03-10-1934, p. 519; 01-11-1934, p. 575.

[2] *Revista Espírita*. Jan/1864. Um Caso de Possessão. Senhorita Júlia. Obs.: O sábio Hahnemann é quem afirma ali que o Espírito de Verdade dirige este globo, ou seja, a Terra.

[3] Cf. SCHUBERT, Sueli Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*, p. 23-24. Apud DA SILVA, Gélío Lacerda. *Conscientização Espírita*. Chico Xavier, Emmanuel e a F.E.B.

[4] *Os Quatro Evangelhos*. Vol. I, n. 9; Vol. II, n. 187; Vol. IV, n. 1. Obs.: Quanto ao Espírito da Verdade, é curioso, o rustenismo muito se divide, porque subsiste na obra a instrução dos bons espíritos que, em Bordéus — na casa de Roustaing e na de Sabo —, chegaram a revelar que se tratava de Jesus, como o próprio advogado fez questão de consignar a Kardec, bem antes do cisma que promoveria. (Cf. *Revista Espírita*. Jun/1861. Correspondência.) Evidentemente, os espíritos que passaram a substituir os Iniciadores se valeram de uma autêntica revelação destes para impor aos bordeleses mais incautos lamentáveis sistemáticas a título de comandos do Cristo, de Moisés, dos evangelistas, de Maria e dos apóstolos. J.-B. Roustaing, infelizmente, faliu ante provável missão que não chegou a cumprir, tornando um pouco mais árdua a gigantesca tarefa do gênio lionês. Não foi sem motivo que disse o mestre sobre o livro rustenista: “[...] ao lado de coisas duvidosas, em nosso ponto de vista, encerra outras

incontestavelmente boas e verdadeiras, e será consultada com proveito pelos espíritas sérios [...]”. (*Revista Espírita*. Jun/1866. Os Evangelhos Explicados.)

[5] Ob. cit. 18.^a ed. Trad.: Carlos Torres Pastorino e Paulo Vieira da Silva. Vol. II.

[6] Cf. *Emmanuel*. 15.^a ed., F.E.B., Prefácio, p. 21. Cf. DVD Pinga-Fogo 2. Clube de Arte. Cf. ALEIXO. *Ensaios da Hora Extrema*. Não Há Médiuns Infalíveis. http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com/2011_02_21_archive.html.

[7] *O Livro dos Médiuns*. XX, 226, 9.^a e 10.^a

[8] *Revista Espírita*. Fev/1859. Escolhos dos Médiuns.

[9] Cf. n. 323 e nota à primeira edição.

[10] Cf. *Emmanuel*, “A Tarefa dos Guias Espirituais”. *A Caminho da Luz*, cap. 3. Cf. ALEIXO. *Ensaios da Hora Extrema*. Kardec e os Exilados. http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com/2010_03_29_archive.html.

[11] *Diálogo dos Vivos* [em parceria com Herculano Pires], cap. 23: Permanecer com Jesus e Kardec.

[12] Cf. ALEIXO. *Ensaios da Hora Extrema*. Léon Denis, Emmanuel e as Almas Gêmeas; Mística Marciana e Segurança Doutrinária; Kardec e os Exilados; Sobre André Luiz; Chico Xavier: Definitivamente, Outra Religião!; *Kardec Versus Emmanuel* em 12 Passos. <http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com>.

[13] *O Livro dos Médiuns*, 230.

[14] <http://coerenciaespirita.blogspot.com/2008/10/de-que-lado-est-emmanuel.html>

Capítulo 14:

ESTRANHEZAS DO ENSINO RUSTENISTA

1.º — Moisés, Elias e João Batista “são uma mesma e única entidade, o mesmo Espírito encarnado três vezes em missão”. Então, quando falaram com Jesus no monte em que se transfigurou, um deles, na verdade, não era quem parecia ser, pois “um Espírito superior, da mesma elevação que Elias e João, tomou a figura, a aparência de Moisés”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. II, n. 195, p. 497-498.)

2.º — “O mineral morre quando é arrancado do meio em que o colocara o autor da natureza; a pedra tirada da pedreira, o minério extraído da mina, deixando de existir [...]; a essência espiritual, que residia nas paredes do mineral, retira-se daí por uma ação magnética, dirigida e fiscalizada pelos espíritos prepostos, e é transportada para outro ponto”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 56, p. 291.)

3.º — Jesus “não nasceu do homem; a matéria perecível não entrou por coisa alguma no conjunto das suas perfeições”; “não esperou, sepultado no seio de uma mulher, a hora do nascimento; tudo foi aparência, imagem, no ‘nascimento’ do mestre, na ‘gravidez’ e no ‘parto’ de Maria”; “o aparecimento de Jesus na terra foi uma aparição espírita tangível”; portanto, não nasceu, não viveu e não morreu, senão aparentemente, “de maneira a produzir ilusão”; começou enganando a própria mãe, que “teve completa ilusão do parto e da maternidade”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 47, p. 166/67 e 243/44.)

4.º — Jesus revestia, “aos olhos dos homens, as aparências da infância, da adolescência e da idade viril na humanidade terrestre”; lactente ainda, ele era, apenas “na aparência, pequenino”, e, portanto, não era mentalmente infantil, permanecendo neste absoluto despudor, segundo a tese rustenista, “até contar a criança dois ou três anos”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 47, p. 166/67 e 243/44.)

5.º — Jesus, na sua estada em Jerusalém, “ao abrir-se o templo, entrava com a multidão e com a multidão saía, quando o templo se fechava; uma vez fora e longe dos olhares humanos, desaparecia, despojando-se do seu invólucro fluídico tangível e das

vestes que o cobriam, as quais, confiadas à guarda dos espíritos prepostos a esse efeito, eram transportadas para longe das vistas e do alcance dos homens; ao reabrir-se o templo, reaparecia entre os homens, retomando o perispírito tangível e as vestes, que o faziam passar por um homem aos olhos humanos”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 47, p. 251/52.)

6.º — A evolução espiritual se dá em duas linhas: a dos espíritos que se desviaram para o mal no início de suas jornadas e, portanto, ficaram sujeitos às reencarnações humanas, e a dos espíritos que nunca se afastaram do bem e, por isto, evoluem pelos mundos etéreos, em linha reta, após superarem os reinos inferiores, como se o homem não fosse acontecimento natural, mas desastre espiritual. Estes mesmos espíritos bons, contudo, são passíveis de cometer um destes três “pecados”: o ciúme, a inveja e o ateísmo; quando, então, cometem um deles, são obrigados a encarnar em “substâncias humanas”, descritas — pasmem — como “larvas informes” e chamadas “criptógamos carnudos”, “uma massa quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja ou antes desliza, tendo os membros, por assim dizer, em estado latente”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 57 a n. 59, p. 307-313.)

Não importa ao rustenismo, pois, que *O Livro dos Espíritos* haja ensinado, categoricamente, que seguir o caminho do bem, mesmo desde o princípio da consciência de si, não isenta os espíritos da necessidade de encarnação e, portanto, da sua união com o corpo; que todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações desta vida, para que adquiram experiência e, assim, necessariamente, conheçam o bem e o mal, só mediante o que podem atingir por mérito a primeira ordem, a perfeição, ainda que se hajam desviado pelo caminho do mal. (Cf. Ob. cit. ns. 115, 115-a, 119, 122, 124, 125, 126, 133, 133-a, 634.)

7.º — “A encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo; [...] em princípio, é apenas consequente à primeira falta, àquela que deu causa à queda”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 59, p. 317 e 324.) Por isto, Roustaing submete um texto de Kardec, da Revista Espírita de junho de 1863 (Do Princípio da Não Retrogradação dos Espíritos), ao exame dos seus “evangelistas”, que concluem dizendo que os que pensam ser a encarnação uma necessidade geral (Kardec à frente) “ainda não foram esclarecidos, ou não refletiram bastante”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 59, p. 321.)

8.º — Espíritos que já “trabalham na constituição de planetas” podem ser “dominados pelo orgulho, que os leva a desconhecer a mão diretora do Senhor, ou a duvidar do seu poder,

duvidando de suas próprias forças”. Então “soa a hora da encarnação humana correspondente ao delito” e, “em tal caso, o planeta, que não pode ficar sujeito a perecer por lhe faltar o primitivo obreiro, continua sua marcha progressiva sob os cuidados e a ação de um Espírito superior que vem substituir aquele que faliu”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 59, p. 325-326.)

9.º — Contrariando o princípio anterior, os reveladores de Roustaing dizem que “cada mundo, qualquer que ele seja, tem por protetor e governador um Espírito, um Cristo de Deus, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, infalível, que nunca faliu”, o qual lhe “presidiu à formação, encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, assim como dos de todos os espíritos que o habitam, a fim de os conduzir à perfeição”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 60, p. 329.)

Anote-se a ambiguidade da linguagem: “infalível, que nunca faliu”. Se é infalível, nunca falirá. Se nunca faliu, há ainda a possibilidade de falir. Este Espírito condutor foi chamado no tópico 8.º de “primitivo obreiro”; portanto, a meio do caminho de sua tarefa, pode falir.

Quanto a este tópico 9.º, já em 1862, na própria Bordéus de Roustaing, um guia espiritual dissera que os espíritos encarregados, em cada mundo, da execução das leis de Deus, são agentes de sua vontade sob a direção de um delegado superior.

Segundo o guia espiritual, este delegado pertence, necessariamente, à ordem dos espíritos mais elevados (os puros, portanto), porque seria injúria à sabedoria divina crer que ela abandonasse à fantasia de uma criatura imperfeita o cuidado de velar pela realização do destino de milhões de suas próprias criaturas.

Explicou também que encarnados e desencarnados são as abelhas que trabalham na edificação da colmeia que é o mundo, sob a direção do “Espírito-chefe”, do “delegado superior” diante de Deus. E afirmou o guia bordelês que, sem dúvida, o Espírito-chefe pode encarnar-se, sim, quando recebe esta missão, por ser a sua presença necessária ao progresso. (Cf. *Revista Espírita*. Set/1868. A Alma da Terra. Sociedade Espírita de Bordéus. Abril de 1862.)

Tal ensino aparece incorporado à codificação espírita, quando Kardec assegura que “os espíritos **da** ordem mais elevada [des Esprits **de** l'ordre le plus élevé] podem manifestar-se aos habitantes da Terra ou encarnar em missão entre estes”, que é, afinal, o caso de Jesus. (Cf. *A Gênese*, XIV, 9; XV, 2.)

10.º — As missões dos cristos de Deus, os messias, os puros espíritos da definição de Kardec são “relativas, conforme o

grau e o desenvolvimento dos planetas”. Até aqui, plágio de *O Céu e o Inferno*, 1.^a Parte, cap. III, ns. 12 e 13. Avançaram, porém, os guias docetas e fixaram esta doutrina duvidosa: “às terras ingratas, quais a vossa, eles pregam o amor, e aos mundos mais elevados levam as grandes descobertas, as ciências e as artes”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 60, p. 329.)

11.º — “Para o Espírito, qualquer que ele seja, o progresso intelectual é indefinido, restando-lhe sempre aquisições a fazer em ciência universal, sem que haja limite algum para esse constante progredir.” (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 60, p. 327.)

12.º — “[...] o Espírito que, desde a sua origem, progrediu sem se afastar nunca do caminho que lhe é traçado, está sempre mais adiantado em ciência universal do que outro que se purificou depois de haver falido. Ora, naturalmente aos mais adiantados devem tocar as missões mais importantes no universo.” (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 60, p. 330.)

13.º — Desmentindo os princípios anteriores, afirmam os reveladores de Roustaing que todos os espíritos, “iguais na origem, no ponto de partida, iguais vêm a ser no ponto de chegada”: a “perfeição sideral”. Nesta, segundo eles, o Espírito é infalível moralmente, mas não intelectualmente. E mesmo esta infalibilidade moral, ele só a teria por força de estar “assistido e sustentado pelos que lhe estão superiores em ciência”, o que mal justificam numa confusa hierarquia entre puros espíritos sob o ponto de vista do que chamam “ciência universal”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. I, n. 56, p. 326 e 328; n. 194, p. 477.)

14.º — Os reveladores de Roustaing decretam aqui o seu maior delírio conceitual: “[...] vossos médiuns só entrarão no gozo completo de suas faculdades quando estiver entre os homens o Regenerador, Espírito que desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é: ao grau de perfeição a que ela tem de chegar. Até lá, obterão somente fatos isolados, estranhos à ordem comum dos fatos. [...] Não nos cabe fixar de antemão a época em que tal se verificará. [...] O chefe da Igreja católica, nessa época em que esse qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de humildade, cingido de uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante, podereis dizer: Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio. [...] Debaixo da influência e da direção do Regenerador, caminhará o chefe da Igreja católica, a qual, repetimos, será então católica na legítima acepção deste

termo, pois que estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo”. (*Os Quatro Evangelhos*, Vol. III, n. 196, pp. 65-66.)

Os fenômenos mediúnicos, perfeitamente integrados à ordem natural das coisas pelo Espiritismo, são apresentados, então, como “fatos isolados, estranhos à ordem comum”... No que respeita ao chefe da Igreja católica — que alguns rustenistas, em verdadeiras ginásticas de retórica, afirmam não se tratar do Papa — ; quanto ao Regenerador, melhor eu não dizer nada... E é esta obra que a F.E.B. considera, em seu estatuto, uma complementar e subsidiária da codificação de Kardec...

Capítulo 15:

DOCUMENTO NORMATIVO FEBIANO

O texto “Esclarecimento da Federação Espírita Brasileira ao Movimento Espírita”, publicado na Revista *Reformador* de maio de 1995, pp. 131 a 133, assinado pelo presidente da F.E.B. à época, Juvanir Borges de Souza, chegou à condição de Documento Normativo no sítio eletrônico daquela Federação. É dito ali que a F.E.B. “tem sido alvo de tentativa de envolvimento em polêmicas que nenhum benefício trazem ao movimento espírita e só atendem ao interesse dos que procuram retardar a difusão do Espiritismo”, e que, “guardando o natural respeito aos que pensam e agem de forma diferente, ela não pretende ceder às tentações da polêmica”; “sente-se, todavia, no dever de prestar os esclarecimentos que entende necessários a todos os que se empenham, com sinceridade e dedicação, na nobre tarefa de difundir, estudar e praticar a Doutrina Espírita em toda a sua amplitude”. Como parte integrante dos pretendidos esclarecimentos, lê-se:

[...] a F.E.B. procura pautar as suas atividades dentro dos princípios que a Doutrina Espírita oferece, reconhecendo o Evangelho como a expressão mais pura da lei de Deus, roteiro moral para a Humanidade, e Jesus como o modelo e guia para todos os homens, independentemente das características do corpo por ele utilizado para conviver com os homens. Isto porque, não se constituindo em ponto básico da Doutrina Espírita a aceitação ou não das teorias que tratam deste assunto, dependente ainda de comprovação que deverá ocorrer com a evolução da Humanidade, representam uma questão de foro íntimo de cada adepto, sem nenhum prejuízo para o estudo ou a prática da doutrina.

Lamentável já é considerar a doutrina rustenista do Jesus agênere como algo inserido numa possibilidade de “comprovação que deverá ocorrer com a evolução da Humanidade”, tanto mais que este vislumbre seja apresentado aos espíritas com força de “documento normativo”; constituindo, pois, “norma” para o nosso movimento. Além disto, por que tanto escrúpulo em “ceder às tentações da polêmica”? E quanto à posição do Codificador? Este

considerava útil a polêmica se constituísse discussão séria dos princípios doutrinários.[1]

A dificuldade para a Federação Espírita Brasileira, contudo, é que a discussão séria dos princípios professados por Kardec só pode deixar o rustenismo por ela divulgado como pivô de constrangimentos inomináveis. Esta questão não pode ser dirimida no “foro íntimo” de cada adepto, pois exige, na verdade, o esclarecimento de problemas conceituais e históricos graves demais, e que envolvem, sim, os “pontos básicos da doutrina”, com sérios prejuízos para seu estudo e sua prática. Ou será que a reencarnação, necessidade evolutiva, e não castigo a falidos, não constitui mais ponto básico do Espiritismo?

Diz-se que a F.E.B. se aplicou na edição dos livros kardecianos, mais de 7.500.000 de exemplares editados até 1995. Sem dúvida. Mas, como visto no cap. 9, este trabalho de tradução reclama que se ponham a descoberto as infidelidades deliberadamente cometidas em relação aos originais franceses. E em nome de que ocorreram algumas dessas deturpações? Do rustenismo e do ubaldismo professados pelo tradutor, que os julgava superiores à codificação kardeciana. As novas traduções, é certo, têm corrigido tais erros, mas são postas à venda com as que ainda os propagam. Trata-se de uma ambivalência sem desculpas.

Esclarecer abertamente estas e outras questões — quem sabe com um pedido de desculpas ao movimento espírita (afinal até o Papa João Paulo II o fez, por motivos mais sérios e a toda a Humanidade) — é bem mais próprio a que a F.E.B. cative o respeito e a possível adesão de “todos aqueles que se empenham, com sinceridade e dedicação, na nobre tarefa de difundir, estudar e praticar a Doutrina Espírita em toda a sua amplitude”, os quais, certamente, não querem “retardar a difusão do Espiritismo” e sim, melhor qualificá-la, vinculando-a ao máximo grau possível de responsabilidade conceitual e histórica.

Capítulo 16:

UMA GRAVE CONSTATAÇÃO

Bem se vê quanto estamos distantes, encarnados e desencarnados, da estrada segura percorrida pelo Codificador e pelos espíritos superiores que sempre o assistiram e orientaram. Encontramo-nos enveredados nos atalhos escuros em que nosso orgulho e egoísmo nos embrenharam, fantasiados de humildade e temperança.

O rustenismo não é uma simples divergência. Não se restringe ao problema da natureza do corpo de Jesus. Trata-se de uma dissidência, porque se considerou uma superação da obra kardeciana. Corretas foram, portanto, a constatação e a exortação do nosso Herculano Pires, atualíssimas:

O silêncio estabelecido pelo “Pacto Áureo” deu resultados negativos, pois toda uma geração de espíritas se formou nesse período e agora está sendo colhida de surpresa pela “novidade” do roustanguismo [...]; é necessário que os espíritas sinceros não se calem; é preciso dizer, alto e bom som, nas palestras e conferências, nos artigos e nos livros, a verdade sobre a obra de Roustaing. [...] É dever dos espíritas sinceros combater a mistificação roustanguista neste alvorecer da Era Espírita no Brasil. Ou arrancamos o joio da seara ou seremos coniventes na deturpação doutrinária que continua maliciosamente a ser feita.[1]

Sobre o que, pelos jornais da época, Artur Lins de Vasconcelos Lopes batizou de “Pacto Áureo” (05/10/1949) e J. Herculano Pires, mais acertadamente, definiu como “bula papalina”, “primeira eclosão dos instintos vaticânicos”, leia-se o capítulo 9 da biografia J. Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec, escrita por Jorge Rizzini, desencarnado aos 17/10/2008. Trata-se da história real de uma manobra política que mudou os rumos da expansão do Espiritismo no Brasil, atrelando-o de vez ao “jugo da carne”, como disse Herculano. Prevendo o surgimento de seitas e cismas, Kardec, já no final de sua carreira, quis criar uma Constituição para o Espiritismo, o que o levou a declarar:

Para assegurar-se, no futuro, a unidade, uma condição se faz indispensável: que todas as partes do conjunto da doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem que coisa alguma fique imprecisa. Para isso, procedemos de maneira que os nossos escritos não se prestem a interpretações contraditórias e cuidaremos de que assim aconteça sempre. [...] seitas poderão formar-se ao lado da doutrina, seitas que não lhe adotem os princípios ou todos os princípios, porém não dentro da doutrina, por efeito de interpretação dos textos. [...] Tomando a iniciativa da constituição do Espiritismo, usamos de um direito comum, o que todo homem tem de completar, como o entender, a obra que haja começado e de ser juiz da oportunidade. Desde o instante em que cada um é livre de aderir ou não a essa obra, ninguém se pode queixar de sofrer uma pressão arbitrária. Criamos a palavra Espiritismo, para atender às necessidades da causa; temos, pois, o direito de lhe determinar as aplicações e de definir as qualidades e as crenças do verdadeiro espírita. [...] Se a constituição tem por efeito diminuir momentaneamente o número aparente dos espíritas, terá, por outro lado, como consequência, dar mais força aos que caminharem de comum acordo para a realização do grande objetivo humanitário que o Espiritismo há de alcançar. Eles se conhecerão e se estenderão mutuamente as mãos, de um extremo a outro do mundo.[2]

Segundo o Codificador do Espiritismo, o que deve importar ao movimento espírita é a qualidade, não a quantidade dos adeptos. Logo, só a obra de Allan Kardec, estudada, respeitada, sincera e fielmente divulgada, pode dar-nos uma legítima Unificação Espírita. Rustenismo, ubaldismo, ramatisismo, andreluizismo, emmanuelismo e quejandos representam, conforme previu Kardec, seitas que se formaram “ao lado da doutrina, porém não dentro da doutrina”. Trata-se de espiritualismos, não de Espiritismo.

Como pode ser, então, que instituições não espíritas integrem hoje os Conselhos de Unificação? Será que alguns dirigentes resolveram pôr em prática o ecletismo rustenista, ensaiando a fusão forçada dos diversos cultos num novo elebevismo? Se o rustenismo e o chiquismo continuarem estatutários na F.E.B. (cf. arts. 1.º, § único, e 63) tais condutas serão sempre legítimas, porque estarão abrigadas por esse verdadeiro Cavalos de Troia jurídico.

Capítulo 17:

NÃO NOS DEVEMOS CALAR

Fica-me o lamento por doutrinas destoantes da codificação kardeciana encontrarem respaldo na invigilância do movimento espírita. Mas, ao contrário do que aconteceu aos ingênuos troianos, podemos evitar que estas doutrinas mais estendam sua influência nefasta e terminem diluindo o Espiritismo no Espiritualismo.

Kardec entendia que o conflito de opiniões é “consequência inevitável do movimento que se processa”. O mestre dizia que estes embates “são mesmo necessários, para melhor fazer ressaltar a verdade”. Ao contrário da apatia de matriz chiquista, que se propaga como conduta exemplar ante as divergências e mesmo dissidências, o Codificador preconizava, sobre os conflitos de opiniões, que “é também útil que eles surjam no começo, para que as ideias falsas sejam mais rapidamente desgastadas”.

Piedoso, o mestre ainda consola os vacilantes, dizendo aos “espíritas que revelam alguns temores” que “devem ficar tranquilos”, pois “todas as pretensões isoladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do grande e poderoso *criterium* do controle universal”.^[1] Alguns poucos, encarnados e desencarnados, querem impor-se, no entanto, ao ensino concordante dos espíritos, e fazem ouvidos moucos às melhores recomendações kardecianas, esforçando-se em cumprir a profecia que a este respeito foi dirigida a Kardec pelo Espírito de Verdade: “As tuas melhores instruções serão desprezadas e falseadas”.^[2]

O perigo está justamente em o rustenismo não ser hoje uma influência direta e pronunciada, mas preparada pelo silêncio estrategicamente estimulado por uma política igrejeira que se justifica na antimoral da hipocrisia, simulando oração e vigilância pela fraternidade quando só leva ao pecado por omissão.

Deste modo é que muitos esforços de deturpação do genuíno pensamento espírita não obtido êxito. Sem encontrarem resistência, reproduzem, no todo ou em parte, as mesmas desorientações da “escola” de Roustaing, fomentadora do primeiro cisma no movimento espírita, cujos ecos, portanto, ainda ressoam,

fruindo da vantagem de que não se sabe, na maioria das vezes, de onde eles vêm.

[1] Cf. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Introdução, II.

[2] *Obras Póstumas*. 12/06/1856.

Capítulo 18:

O RUSTENISMO E O ESPIRITISMO LAICO

Interessante anotar que até a proposta pan-americana de um Espiritismo laico, não cristão, não religioso, encontra nalguns protoargumentos do rustenismo paridade de metas.[1] Também os partidários de Roustaing, com ares de superioridade catedrática, diziam que o Espiritismo deveria “aceitar tudo o que seja ensinado pelos métodos racionais de investigação; tudo o que seja prático e esteja maduramente estudado; tudo o que, em outras circunstâncias, tenha sido experimentado”. [2]

Como se assim não fosse... O mestre lionês deixou abertas as portas do Espiritismo ao futuro. No entanto, Kardec não tramou, com isto, a subserviência da doutrina ao academicismo materialista. Ao demais, há que respeitar o que recomendou Erasto: “Mais vale rejeitar dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa”. [3]

O Consolador não teria emergido a contento dos fatos espíritas caso nascesse presa das oscilações do jogo infundável de hipóteses da ciência convencional, cujos pressupostos a tornam, até hoje, “incompetente para se pronunciar sobre a questão do Espiritismo”. A ciência materialista insiste em ignorar que, a respeito das fenomenologias espíritas, “as observações não podem ser feitas da mesma maneira”, “requerem condições especiais e outra maneira de encará-lás”, e não admite que “querer sujeitá-las aos processos ordinários de investigação, seria estabelecer analogias que não existem”. [4]

Imaginem com que equilíbrio, lucidez e, sobretudo, coragem Kardec teve de proclamar tudo isto. Certamente, estava na plena posse do gênio, da criatividade e da ousadia ímpares do pioneiro que fundava o definitivo paradigma do espírito em nossa Civilização.

- [1] Cf. ALEIXO. *O Metro Que Melhor Mediu Kardec*. Cap. 2: O Laicismo Pan-Americano e Herculano Pires. <http://ometroquemelhormediukardec.blogspot.com/2010/06/capitulo-2.html>. *Ensaios da Hora Extrema*. O Extremo Oposto da Desfiguração do Espiritismo. http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com/2010_09_24_archive.html.
- [2] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. FEB, 1920, p. 73.
- [3] *O Livro dos Médiuns*, 230.
- [4] KARDEC. *O Livro dos Espíritos*. Introdução, VII

Capítulo 19:

O ESPIRITISMO ESOTÉRICO

O que pensar das propostas de um Espiritismo esotérico, de feição new age, diluído no chamado “livre pensamento espiritualista”?[1] Mas livre de quê, afinal? De toda lógica, de todo rigor; mesmo porque este “livre” pensamento não passa, o mais das vezes, de ressurreição dos residuais míticos, místicos e mágicos do passado ancestral. Esta, a razão de nosso Herculano Pires haver lembrado que a intensa e comovente batalha de Léon Denis, na França e em toda a Europa, foi contra as infiltrações de doutrinas estranhas, de espiritualismos rebarbativos, no meio espírita, para mostrar que o Espiritismo é uma nova concepção do homem e da vida, que não se pode confundir com as escolas espiritualistas ancestrais, carregadas de superstições e princípios individualmente afirmados, ou provindos de tradições longínquas, sem nenhuma base de critério científico.[2] Acerca da mais cara das concepções do ocultismo, a dos sete corpos, disse o nosso querido ex-teósofo:

A concepção espírita do homem, como unidade trina, tanto se opõe ao dualismo religioso quanto ao monismo materialista e ao pluralismo ocultista. Não obstante, como essa concepção é uma síntese estética, nela encontramos os elementos opostos reduzidos ao equilíbrio da fusão. Assim, quando Kardec define a alma como sendo o espírito encarnado, temos a dualidade alma-corpo; quando define o corpo como produção ou projeção do próprio espírito, temos o monismo; e quando define o espírito como entidade independente, possuindo as diversas funções da consciência e sendo capaz de projetá-las por várias maneiras, no plano espiritual e no plano material, temos o pluralismo. Os vários corpos da concepção septenária do ocultismo apresentam-se como simples peças do mecanismo de manifestação do espírito.

As pessoas que consideram simplista a concepção trinária do homem, e preferem a septenária, tendem para o pluralismo afetivo. As que, ao contrário, a consideram complexa, e preferem a concepção monista, de tipo heckeliano ou marxista, tendem para o monismo materialista. O homem trino é, portanto, uma concepção típica do Espiritismo, resultante da síntese dialética que se processou no desenvolvimento histórico da humanidade. Uma concepção que assinala a maturidade espiritual do homem,

pois apresenta a superação das fases de sincretismo afetivo e de egocentrismo racional, tanto existentes no indivíduo quanto na espécie.[3]

Ante a mais completa ignorância destes tão vastos alcances da doutrina, Herculano dizia mais: que a passividade da massa espírita, anestesiada pelo sonho da salvação pessoal, do valor mágico da tolerância bastarda, da crença ingênua do valor sobrenatural das esmolas pífias, vai minando em silêncio o legado de Kardec. Corajoso, o filósofo de Avaré assegurava ainda que o medo do pecado que sai da boca, da pena ou das teclas é que faz desaparecer do meio espírita o diálogo do passado recente, substituindo o coro dos debates pelo silêncio místico das bocas de siri. Para Herculano, ninguém fala para não pecar e peca por não falar, por não espantar pelo menos com um grito as aves daninhas e agoureiras que destroem a seara.[4] E sobre os periódicos espíritas, afirmava o ex-presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo:

A imprensa espírita, que devia ser uma labareda, é um foco de infestação, semeando as mistificações de Roustaing, Ramatis e outras, ou chovendo no molhado com a repetição cansativa de velhos e surrados slogans [...].[5]

Por força da acertada referência de Herculano, assim como foram vistas as principais estranhezas da doutrina rustenista, eis aqui abaixo algo sobre as estranhezas do ensino de Ramatis; aliás, dissecado de forma definitiva no livro *Ramatis: Sábio ou Pseudossábio?*, do Prof. Artur Felipe de Azevedo Ferreira.

1.º Influência astrológica na vida e no destino dos homens, sendo que o próprio Jesus só pôde “baixar” à Terra, segundo Ramatis, “sob a influência do magnetismo suave do signo de Peixes”, para “estabelecer um novo código espiritual de libertação dos terrícolas”. (*O Sublime Peregrino*, p. 32.)

2.º Jesus aprendeu com as doutrinas dos essênios, os quais estão, segundo Ramatis, reencarnando para “organizar elevada confraria de disciplina esotérica em operosa atividade no mundo profano, para a revivescência do cristianismo nas suas bases milenárias”. (*O Sublime Peregrino*, p. 278 e 294.)

O Espiritismo, portanto, teria falhado. Estaríamos a depender destes confrades de disciplina esotérica, mas — pasmem — em operosa atividade no mundo profano... Tomara que tanta operosidade não se traduza em serviço a dois senhores.

3.º Invertendo a ordem natural das coisas, Ramatis afirma que o Espiritismo vai “parar no tempo e no espaço caso seus adeptos ignorem deliberadamente o progresso e a experiência de outras seitas e doutrinas vinculadas à fonte original e inesgotável do espiritualismo oriental”. (*A Vida Humana e o Espírito Imortal*, p. 276.)

Inesgotável? Ora! Por que os espíritos não instituíram o Espiritismo na China, ou na Índia, ou no Japão, ou no Oriente médio? Por que os espíritos que viveram naquelas regiões orientais não fizeram o que O Espírito de Verdade e sua milícia celeste realizaram na França? Este último afirmou: “Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso pela Humanidade e disse: — Vinde a mim, todos vós que sofreis”. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*. VI, 5). Ou seja, a doutrina de Jesus era uma síntese superadora de tudo o que de melhor já havia acontecido, viabilizando o indivíduo, a democracia e a emancipação da mulher, glórias do Ocidente. O mundo evoluiu rumo ao Oeste! Devemos agora aviar-nos pela contramão? Vinho novo em odre velho?

4.º Incensos e defumadores, segundo Ramatis, são eficazes, pois funcionam como “detonadores de miasmas astralinos”. (*Magia de Redenção*.) Sem comentários... Leia-se o cap. XIV de *A Gênese*.

5.º Como registradas igualmente em Roustaing, há em Ramatis a presença de mensagens atemorizantes, cuja fixação absurda de datas se revelou totalmente quimérica; afinal, o mundo sobreviveu ao ano de 1999. (*Mensagens do Astral*.) Sem comentários... Leiam-se os caps. XVII e XVIII de *A Gênese*.

6.º Esdrúxula profecia de um presidente brasileiro que elevaria o nível de espiritualidade do povo... Em 1970, o tal já havia percorrido, segundo Ramatis, “metade do caminho rumo ao cargo supremo do País”. (*A Vida Humana e o Espírito Imortal*, p. 298.) Que bom seria se fosse verdade!

7.º Referência a naves marcianas “ultravelozes”, vindas de um planeta cuja geografia já se provou ser inteiramente diversa da que fora descrita pelo Espírito Ramatis e, além disto, sem nenhum vestígio das raças físicas que este afirmara lá viverem. (*A Vida no Planeta Marte e os Discos Voadores*.) Excesso, por certo, de ficção científica e de teorias conspiratórias.

8.º Jesus não seria o Cristo, mas um anjo encarnado para ser seu médium. Este outro Espírito, mais elevado que o Messias de Nazaré, é que seria, segundo Ramatis, o cristo planetário, inferior, por sua vez, a outros cristos mais evoluídos, o solar, o galáctico, etc. (*O Sublime Peregrino*, p. 62.)

O fato é que, enquanto o cientificismo e o religiosismo não se entendem, o sincretismo vai sobrevivendo no movimento espírita, à sombra da estrutura conceitual da codificação kardeciana, à custa de aviltá-la quanto possa, simulando uma compatibilidade fictícia, como no caso do ramatisismo, para o qual também nos advertia Herculano Pires:

Além das confusões habituais entre Umbanda e Espiritismo, Esoterismo, Teosofia, Ocultismo e Espiritismo, há outras formas de confusão que vêm sendo amplamente espalhadas no meio espírita. São as confusões de origem mediúnica, oriundas de comunicações de espíritos que se apresentam como grandes instrutores, dando sempre respostas e informações sobre todas as questões que lhes forem propostas. Um exemplo marcante é o de Ramatis, cujas mensagens vêm sendo fartamente distribuídas. Qualquer estudioso da doutrina percebe logo que se trata de um Espírito pseudossábio, segundo a “escala espírita” de Kardec. Não obstante, suas mensagens estão assumindo o papel de sucedâneos das obras doutrinárias, levando até mesmo oradores espíritas a fazerem afirmações ridículas em suas palestras, com evidente prejuízo para o bom conceito do movimento espírita.

Não é de hoje que existem mensagens dessa espécie. Desde todos os tempos, espíritos mistificadores, os falsos profetas da erraticidade, como dizia Kardec, e espíritos pseudossábios, que se julgam grandes missionários, trabalham, consciente ou inconscientemente, na ingrata tarefa de ridicularizar o Espiritismo. Mas a responsabilidade dos que aceitam e divulgam essas mensagens não é menor do que a dos espíritos que as transmitem. Por isso mesmo, é necessário que os confrades esclarecidos não cruzem os braços diante dessas ondas de perturbação, procurando abrir os olhos dos que facilmente se deixam levar por elas.

O Espiritismo é uma doutrina de bom-senso, de equilíbrio, de esclarecimento positivo dos problemas espirituais, e não de hipóteses sem base ou de suposições imaginosas. As linhas seguras da doutrina estão na codificação kardeciana. Não devemos nos esquecer de que a codificação representa o cumprimento da promessa evangélica do Consolador, que veio na hora precisa. Deixar de lado a codificação, para aceitar novidades confusas, é simples temeridade. Tanto mais quando essas novidades, como no caso de Ramatis, são mais velhas do que a própria codificação.[6]

[1] *Os Quatro Evangelhos*. Prefácio. FEB, 1920, p. 74.

[2] Cf. *O Espírito e o Tempo*. 4.^a Parte, cap. III, item 5.

[3] *O Espírito e o Tempo*, 3.^a Parte, cap. I, item 2.

[4] *O Espírito e o Tempo*. 4.^a Parte, cap. III, item 5.

[5] *O Espírito e o Tempo*. 4.^a Parte, cap. III, item 5.

[6] *O Infinito e o Finito*. 36. Cuidado dos dirigentes de centros em face das confusões doutrinárias.

Capítulo 20:

VOLTEMOS A KARDEC!

Pergunto ao leitor se não estão de fato ressoando entre nós os ecos daquele primeiro cisma rustenista? Diante disto, vamos continuar renovando o nosso cômodo pedido aos espíritos e a Deus para que façam pelo Espiritismo o que nós mesmos devemos fazer? Por outra, não são os espíritos tachados de embusteiros quando se pronunciam sobre assuntos “polêmicos”? A valiosa contribuição que nos poderiam dar para a solução de certas dificuldades não é, ao demais, desencorajada pela ideia, balda de fundamento, de que questões “polêmicas” não devem ser propostas aos espíritos, sob pena da grande probabilidade de ocorrerem mistificações? Mas e quanto aos critérios que para superar estes escolhos o Espiritismo nos oferece? De nada vale o saber acumulado e metodicamente transmitido pelo mestre de Lyon em suas obras?... Convém lembrar o n. 287 de *O Livro dos Médiuns*:

Pensam algumas pessoas ser preferível que todos se abstenham de formular perguntas e que convém esperar o ensino dos espíritos, sem o provocar. É um erro. Os espíritos dão, não há dúvida, instruções espontâneas de alto alcance e que errôneo seria desprezar-se. Mas, explicações há que frequentemente se teriam de esperar longo tempo, se não fossem solicitadas. Sem as questões que propusemos, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ainda estariam por fazer-se, ou, pelo menos, muito incompletos e sem solução uma imensidade de problemas de grande importância. As questões, longe de terem qualquer inconveniente, são de grandíssima utilidade, do ponto de vista da instrução, quando quem as propõe sabe encerrá-las nos devidos limites.

Têm ainda outra vantagem: a de concorrerem para o desmascaramento dos espíritos mistificadores que, mais pretensiosos do que sábios, raramente suportam a prova das perguntas feitas com cerrada lógica, por meio das quais o interrogante os leva aos seus últimos redutos. Os espíritos superiores, como nada têm que temer de semelhante questionário, são os primeiros a provocar explicações, sobre os pontos obscuros.

Os outros, ao contrário, receando ter que se haver com antagonistas mais fortes, cuidadosamente as evitam. Por isso mesmo, em geral, recomendam aos médiuns, que eles desejam dominar, e aos quais querem impor suas utopias, se abstenham de toda controvérsia a propósito de seus ensinamentos.[1]

Como se observa, Kardec recomenda expressamente a controvérsia humana sobre o ensino dos espíritos, isto é, aquela polémica útil, aquela discussão séria dos princípios professados pela Doutrina, aquele discernimento dos pontos fracos e fortes das comunicações mediúnicas. Coisa, aliás, quase sempre desencorajada nos ditados recebidos por Chico Xavier. Num deles, por exemplo, Emmanuel ordena: “[...] Guiar-se pela misericórdia e não pela crítica. Abençoar sem reprovar. [...] Deter-se nas qualidades nobres e olvidar as prováveis deficiências do próximo. Valorizar o esforço alheio”.[2] Enunciados que têm seu valor. Todavia, sentenciados, sem contexto, tornam-se absolutos e, por efeito, de aplicação eventualmente nociva. E era mesmo isso que queria o jesuíta, apesar de Herculano Pires ter-lhe ensaiado uma defesa, dizendo tratar-se ali da “crítica negativa”. Não creio. Porque centenas de outras mensagens psicografadas por Chico Xavier findam realmente por paralisar toda e qualquer ação de juízo, a pretexto de “reforma íntima”. São Luís orientava Kardec de modo diverso:

Tudo depende da intenção. Certamente que não é proibido ver o mal, quando o mal existe. Seria mesmo inconveniente ver-se por toda a parte somente o bem: essa ilusão prejudicaria o progresso. [...] Se as imperfeições de uma pessoa só prejudicam a ela mesma, não há jamais utilidade em divulgá-las. Mas se elas podem prejudicar a outros, é necessário preferir o interesse do maior número ao de um só. Conforme as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode ser um dever, pois é melhor que um homem caia, do que muitos serem enganados e se tornarem suas vítimas.[3]

Os autores espirituais jesuíticos, à clássica moda contrarreformista, bem souberam explorar o sentimento de culpa dos leitores, a fim de driblarem as possíveis controvérsias sobre o que ensinam para além da moral cristã. Evitaram, assim, uma imediata descoberta neles do seu evidente quinhão de pseudossabedoria. Bingo! Instalaram uma nova religião, com minibíblias próprias, recitadas a modo de mantras ao início das

reuniões espíritas de todo o País e agora do exterior, nas quais a codificação kardeciana não passa de referência histórica quase todo tempo contraditada pelas chamadas obras complementares ou subsidiárias. Situação que nos caberia reverter mediante o estudo puro e simples dos trabalhos do mestre lionês, nos rumos do que seria a verdadeira unificação dos espíritas: em torno do Espiritismo real, e não desse conjunto informe de acintosas refutações à Doutrina.[4]

[1] F.E.B., 56.^a ed., 1988. Trad.: Guillon Ribeiro.

[2] *Astronautas do Além* [em parceria com Herculano Pires], cap. 1: Tarefeiros da Doutrina.

[3] *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, X, 20 e 21.

[4] Cf. ALEIXO. *Ensaio da Hora Extrema*. <http://ensaiosdahoraextrema.blogspot.com>